

LT 113



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

**A relevância dos factores sociais escolaridade/profissão na variação
linguística do Português oral de Maputo – o caso dos complementos oracionais
seleccionados pelo verbo *dizer***

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Manuel Armando Guissemo

Maputo, 2002

LT-113


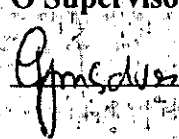

**A RELEVÂNCIA DOS FACTORES SOCIAIS
ESCOLARIDADE/PROFISSÃO NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO
PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO – O CASO DOS
COMPLEMENTOS ORACIONAIS SELECIONADOS PELO
VERBO DIZER**


Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para
obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo
Mondlane por **Manuel Armando Guissemo**

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: **Prof.^a Doutora Perpétua Gonçalves**

Maputo, 2002

O Júri			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			21, 06, 02

F. LETRAS D. E. M. 

R. E.	29/91
DATA	15.10.2002
ADMISSÃO	08/10
DATA	LT-113

8127 (679)
G967R

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Armando Rafael e Beatriz Fernando, aos meus irmãos Domingos, Sônia, Inocência, Isabel e Armando Júnior e, em especial, à memória de Jossias Fernando cujo apoio moral foi instigador para o empreendimento deste trabalho, que Deus o tenha e o guarde em paz.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos cinco anos de aprendizagem e, mais concretamente, ao longo da realização deste trabalho, muitos foram os obstáculos que surgiram. Porém, algumas pessoas de boa vontade ajudaram-me a superar parte significativa desses obstáculos. Desta forma, gostaria de endereçar os meus agradecimentos a estas pessoas:

À Prof.^a Doutora Perpétua Gonçalves, minha supervisora, pela incomensurável ajuda e paciência demonstrada ao longo da realização deste trabalho, pois, muito amavelmente, conseguiu, através da crítica construtiva, mostrar-me como se faz e, acima de tudo, como se sofre durante a elaboração de um trabalho científico.

Ao colectivo de professores do Departamento de Letras pelos ensinamentos ministrados.

Ao dr. António Tuzine do INDE pela ajuda e sugestões apresentadas ao longo da selecção das entrevistas dos informantes usadas no presente trabalho.

Ao Prof. Doutor Bento Siteo e ao "Tatana" Félix Khossa pelas preciosas sugestões e orientações respeitantes à área das línguas bantu.

Ao Dr. João Gomes da Silva pela preciosa orientação bibliográfica referente ao enquadramento sociolinguístico.

À Dr.^a Benilde Vieira pelas sugestões dadas respeitantes à paginação do presente trabalho.

Ao dr. Carlito Companhia pelo voto de confiança e interesse depositados em mim logo no início deste trabalho.

Ao dr. Hermenelgido Gamito e ao dr. César Gitunga pela estimável ajuda moral e financeira prestada ao longo do curso.

Ao Lenine e sua família pela hospitalidade demonstrada nas noites em que passei digitando parte deste trabalho.

Aos colegas do curso, em especial à Pércida, à Flávia, ao Marçal e ao sr. Dimande, pelo grande sentido de camaradagem demonstrado ao longo dos cinco anos do curso.

Aos meus pais, irmãos e amigos pela coragem e carinho transmitidos nos momentos de grande indecisão.

Por último, a todos aqueles cujos nomes não mencionei, mas que directa ou indirectamente contribuíram para que a minha formação se tornasse uma realidade.

RESUMO GERAL

O presente estudo pretende analisar a relevância que os factores sociais escolaridade/profissão desempenham na variação linguística do Português Oral de Maputo (POM), partindo da análise dos complementos oracionais seleccionados pelo verbo *dizer*.

O estudo é constituído por cinco capítulos:

Capítulo I – Introdução – efectua-se o enquadramento geral da pesquisa, delimita-se o objecto de estudo e apresenta-se a hipótese de investigação sobre a qual se desenvolve o estudo.

Capítulo II – Revisão Bibliográfica – apresenta-se o quadro teórico que culmina com a justificação da escolha da sociolinguística variacionista para o estudo da variação linguística do POM; a revisão bibliográfica relacionada com a vertente sociolinguística, inclui a apresentação de alguns estudos sociolinguísticos realizados sobre o PM e, por último, a revisão bibliográfica relacionada com a vertente linguística, inclui a análise de alguns aspectos sintácticos que ocorrem no Português do Brasil e termina com a apresentação de uma síntese sobre os estudos realizados sobre o Português de Moçambique.

Capítulo III – Metodologia de Investigação – apresentam-se os procedimentos adoptados na recolha dos dados empíricos, a caracterização geral dos informantes, a constituição e organização do *corpus* e a codificação dos dados empíricos.

Capítulo IV – Análise de Dados – apresenta-se a análise linguística dos dados tendo em conta as regras estabelecidas no âmbito da linguística descritiva do Português,

seguida da análise sociolinguística em que se efectuam as correlações das variáveis linguísticas e sociais, com vista à validação da nossa hipótese de investigação.

Capítulo V – Conclusões e Recomendações – apresentam-se as conclusões e recomendações do presente estudo.

SUMÁRIO

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo Geral.....	v
Sumário.....	vii
Abreviaturas, símbolos e convenções usadas.....	x
Capítulo I – Introdução.....	2
1. Introdução.....	2
1.1. Enquadramento geral da pesquisa.....	2
1.2. Delimitação do objecto de estudo.....	4
1.3. Hipótese de Investigação.....	6
Capítulo II – Revisão Bibliográfica.....	9
1. Introdução.....	9
2. Enquadramento sociolinguístico deste estudo.....	10
2.1. Quadro teórico.....	10
2.2. Alguns conceitos específicos.....	11
2.3. Estudos sociolinguísticos realizados sobre o PM.....	14
3. Enquadramento linguístico deste estudo.....	16
3.1. Alguns conceitos específicos.....	16
3.2. A subcategorização verbal.....	17
3.3. Processo de encaixe de discurso directo/indirecto.....	17
3.4. Variação à norma europeia no Português do Brasil.....	19

3.5. Variação à norma europeia no Português de Moçambique.....	20
3.5.1. A subcategorização verbal.....	20
3.5.2. Processo de encaixe de discurso directo/indirecto.....	21
3.5.3. Breves conclusões sobre estudos linguísticos realizados sobre o PM.....	22
Capítulo III – Metodologia de Investigação	24
1. Introdução.....	24
1.1. Procedimentos de recolha de dados.....	24
1.2. Caracterização geral dos informantes.....	25
1.3. Constituição e organização do <i>corpus</i>	30
1.4. Codificação dos dados.....	31
2. Breves conclusões.....	32
Capítulo IV – Análise de Dados.....	34
1. Metodologia de Análise de Dados.....	34
2. Análise de Dados.....	35
2.1. Análise linguística.....	35
2.1.1. Variável “Propriedades de Subcategorização do Verbo <i>Dizer</i> ”.....	35
2.1.2. Variável “Encaixe de Discurso Directo/Indirecto”.....	38
2.1.3. Resultados da análise linguística.....	40
2.2. Análise sociolinguística.....	42
2.2.1. Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre as “propriedade de subcategorização do verbo <i>dizer</i> ”.....	42
2.2.2. Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o “encaixe de discurso directo/indirecto”.....	44

2.3. Resultados da Análise de Dados.....	46
Capítulo V – Conclusões e Recomendações.....	49
1. Conclusões.....	49
2. Recomendações.....	52
Referências Bibliográficas.....	53
Anexos.....	i

ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES USADAS

AM = Bairro do Alto-Maé

CH = Bairro do Chamanculo

DD = Discurso Directo

DI = Discurso Indirecto

enferm. = enfermagem

E1 = Nível de ensino que inclui as classes que variam da 3^a a 7^a

E2 = Nível de ensino que inclui as classes que variam da 8^a a 10^a

EP1 = Ensino Primário do Primeiro Grau

EP2 = Ensino Primário do Segundo Grau

Est. = Estudante

f. = frase do *corpus*

F = Frase

F' = Complemento oracional

INDE = Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação

Infor. = Informante

L1 = Língua Primeira

L2 = Língua Segunda

MF = Bairro da Mafalala

MX = Bairro do Maxaquene

OI = Objecto Indirecto

PB = Português do Brasil

PC = Bairro da Polana Cimento

PE = Português Europeu

PM = Português de Moçambique

POM = Português Oral de Maputo

PPOM = Panorama do Português Oral de Maputo

Prof. = Professor

Prop. = Propriedades

SN = Sintagma Nominal

SP = Sintagma Preposicional

SV = Sintagma Verbal

Trad. Lit. = Tradução Literal

V = Verbo

Capítulo I – Introdução

Resumo

Este capítulo pretende fazer uma apresentação geral da nossa pesquisa relacionada com a variação linguística do POM.

Desta forma, na subsecção 1.1., apresentamos o enquadramento geral da pesquisa; na subsecção 1.2., apresentamos a delimitação do objecto do estudo e, por fim, na subsecção 1.3., apresentamos a hipótese de investigação a partir da qual se desenvolverá a nossa pesquisa.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1. Introdução

1.1. Enquadramento geral da pesquisa

Com o advento da independência em 1975, o Português Europeu (PE) é adoptado como a língua oficial em Moçambique e esta língua assume as funções de língua de comunicação oficial, língua de unidade nacional e língua de ensino. Esta medida teve como consequência imediata “uma forte expansão da comunidade de falantes de Português, quer devido ao alargamento dos contextos de uso desta língua, quer devido à explosão escolar que caracterizou o final dos anos 70” (Stroud & Gonçalves, 1997: 1).

Neste contexto, o Português passou a ter o estatuto de L2 e teve que conviver com as várias línguas bantu que constituem a L1 da maioria dos moçambicanos. Este factor contribuiu para que o Português falado em Moçambique (PM) sofresse alterações que mais tarde motivaram o surgimento de variações estranhas ao PE, ou seja, a interacção do Português com as várias línguas bantu, “contribuiu fortemente para o desencadeamento de fenómenos de flutuação entre diversas opções gramaticais” (Gonçalves, 1998:1).

A interacção entre o Português com as várias línguas bantu não foi o único factor motivador de variação à norma do PE pois, a título de exemplo, Chimbutane (1995: 48) destacou que a falta de professores e de material de ensino da língua portuguesa e ainda a ausência de contacto com a variante europeia aceleraram o processo de formação do que se poderia chamar Português de Moçambique.

O surgimento de variações em qualquer língua é um fenómeno considerado normal e “existem, naturalmente, vários níveis em que a variação pode operar: fonético e fonológico, morfológico, sintáctico, semântico e lexical” (Ferreira et al., 1996: 480).

A esse respeito, Gonçalves (1996a: 48) afirma que, relativamente ao Português falado em Moçambique (PM), os desvios à norma europeia, que ocorrem no discurso dos locutores, “não podem ser analisados como *erros*, próprios da gramática provisória dos aprendizes de uma L2 mas sim como evidências sobre as características da (futura) variedade moçambicana do Português, ainda em fase de formação”.

Assim, partindo do pressuposto de que, por um lado, “os fenómenos linguísticos variáveis apresentam tendências regulares passíveis de serem descritos e explicados por restrições de natureza linguística e não linguística” (cf. Scherre 1996: 39 – 40) e, de que, por outro lado, os aspectos característicos do PM apresentam uma certa estabilidade na gramática dos falantes adultos, sentimo-nos motivados para o empreendimento deste estudo.

Desta forma, optámos por efectuar um estudo de carácter sociolinguístico enquadrado na área da sociolinguística variacionista com vista a analisar o processo de variação linguística do Português Oral de Maputo, subordinado ao tema: A relevância dos factores sociais escolaridade/profissão na variação linguística do Português Oral de Maputo (POM) – o caso dos complementos oracionais seleccionados pelo verbo *dizer*.

Através deste estudo, julgamos poder dar o nosso contributo para cobrir uma lacuna nos estudos sociolinguísticos sobre o PM visto que, corroborando Duarte (1989: 32), se a escola deseja permitir ao aluno o acesso a uma norma culta, garantindo-lhe a possibilidade de dominar diferentes estilos, a pesquisa sociolinguística pode fornecer-lhe elementos indispensáveis à elaboração de programas de ensino mais realistas e eficazes, além de trazer subsídios valiosos ao desenvolvimento da teoria linguística.

1.2. Delimitação do objecto de estudo

Com o presente estudo, pretendemos verificar ^{que} o tipo de influência ~~que~~ as variáveis sociais escolaridade/profissão podem desencadear na variação linguística do POM a nível da selecção das orações completivas e encaixe de discurso directo/indirecto que ocorrem em torno do verbo dizer. } *Problema*

A escolha de um único verbo, o verbo declarativo *dizer*, deveu-se ao facto de, o *corpus* que serviu de base para este estudo (PPOM) ser constituído por dados de observação e não de elicitación. Assim, o uso de outros verbos que seleccionam complementos oracionais [- F'] apresentavam baixos índices de ocorrência, que não permitiam quantificar os dados em função das variáveis sociais escolaridade/profissão. A título de *exemplo*, os nossos informantes também utilizam verbos como *confessar*, *referir*, *exigir*, etc. que seleccionam complementos oracionais, veja-se a seguinte frase: } *adva...
ou
...*

(1) ... eu de facto *confesso* que não tinha possibilidade... (ARF1)

O nosso estudo cinge-se em torno de dois níveis de escolaridade, E1 (inclui as classes da 3^a à 7^a) e E2 (inclui as classes da 8^a à 10^a). Com vista a permitir um melhor contraste dos dados em análise, no nível E1 escolhemos os informantes das classes iniciais, isto é, informantes da 3^a e 4^a classes e no nível E2 escolhemos os informantes das classes finais, isto é, informantes da 9^a e 10^a classes.

A escolha das variáveis escolaridade/profissão prende-se com o facto de a maior parte dos estudos realizados quer no PM como no PB mostrarem que estas duas variáveis andam interligadas e são as principais causadoras da variação linguística (cf., a título de exemplo, Moreno & Tuzine (1997) e Mollica (1995)).

É de notar que a variável social profissão não constitui a base do nosso estudo. Ela foi incorporada porque ao seleccionarmos os informantes tendo em conta apenas a variável social escolaridade, notámos que todos os informantes do nível E1 tinham profissões consideradas Baixas e todos os informantes do nível E2 tinham profissões consideradas Médias, tendo em conta a possibilidade que a profissão ofereça para o uso e disseminação da língua portuguesa, veja-se a tabela (i) no anexo 2. *advancing (adv.)*

O discurso oral dos nossos informantes apresenta situações em que o verbo *dizer* possui as seguintes características: *enumeradas / complexidade!*

(i) selecciona (28 casos de) complementos não oracionais, isto é, complementos objecto directo e indirecto, como mostra o exemplo seguinte:

(2) **Diziam** [OD **isso**] [OI **aos negros**]. (PAU2)

(ii) selecciona (5 casos de) complementos oracionais não finitos regidos pela preposição *para*, como mostra o exemplo seguinte:

(3) Professor **diz para fazer cá em casa...** (CAC1)

(iii) selecciona (11 casos de) complementos dispersos, periféricos e típicos de discurso oral, como mostram os exemplos seguintes:

(4) a. Ah posso **dizer de aprender portanto só por olhar.** (CAC1)

b. ... o professor **diz para ti já você passa querer ser uma pessoa...** (IBR1)

A análise de cada um destes tipos de construções implica uma variedade de aspectos sintáctico-semânticos que poderiam talvez não ser tratados com rigor no âmbito de um trabalho de licenciatura. Assim, da base inicial de dados, constituída por 339

¹ Os nossos dados incluem um informante com o nível de escolaridade denominado 3ª *elementar*, que foi instituído e vigorou durante o regime colonial só para o aluno que tinha o Português como L2 e que

frases, excluímos todos os casos apresentados acima e ficámos apenas com 295 frases, veja-se a tabela (iii) no anexo 2, em que o verbo *dizer* selecciona complementos oracionais e/ou efectua o encaixe de discurso directo/indirecto, como ilustram os exemplos seguintes: *sumando*

(5) a. ... eu não posso **dizer que estava bem educada** ... (f. 103)

b. ... só se limitava a **dizer "olha vai à escola..."** (f. 207)

c. Em pormenor posso **dizer de que limitava-me portanto ao futebol** ...
(f. 286)

d. ... não vai mesmo **dizer que "eu vou!"** (f. 8)

e. ... uma pessoa que quer sair **dizer quer subir chapa** ... (f.295)

De uma forma geral, no que diz respeito às duas componentes gramaticais acima, os nossos informantes produziram frases quer inexistentes no PE (cf. exemplos (5) c, d, e) quer existentes nessa mesma língua (cf. exemplos (5) a, b).

Estas frases, tanto as inexistentes como as existentes no PE, serão analisadas num âmbito sociolinguístico em função das variáveis escolaridade/profissão, a fim de verificarmos qual o papel destas variáveis na produção de frases estranhas ao PE.

1.3. Hipótese de investigação

Conforme referimos, o nosso estudo enquadra-se na área denominada sociolinguística variacionista e visa essencialmente explicar as causas que motivam a variação linguística do POM, tomando como base a influência de duas variáveis sociais, escolaridade/profissão, no formato de construções do verbo *dizer* produzidas pelos falantes desta variedade do PE.

permitia adquirir conhecimentos básicos da língua portuguesa.

Conforme dissemos, através de uma análise preliminar dos dados, constatámos que no POM existe uma alternância entre frases que não estão em conformidade com a norma do PE e frases que estão em conformidade com essa mesma variante (cf. exemplos (5)). Uma provável explicação para este fenómeno parece-nos ser o fraco domínio da língua portuguesa motivada pela frequência de um nível de escolaridade E1.

Assim, formulámos a seguinte hipótese de investigação: A frequência de um nível de escolaridade E1 e o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa é a causa da produção de diferentes variantes linguísticas não-padrão, estranhas ao PE.

adac-az
Hipótese

É com base nesta hipótese de investigação que todo o nosso estudo se vai desenvolver.

Capítulo II – Revisão bibliográfica

Resumo

Este capítulo pretende apresentar o suporte teórico que julgamos imprescindível para uma pesquisa sobre a variação linguística no POM.

Assim, a nível do enquadramento sociolinguístico (secção 2), apresentaremos na subsecção 2.1., o quadro teórico que culmina com a justificação da escolha da sociolinguística variacionista para o estudo da variação linguística do POM; na subsecção 2.2., apresentamos alguns conceitos específicos que, de uma forma geral, estão ligados ao estudo da variação linguística; na subsecção 2.3., apresentamos alguns estudos sociolinguísticos realizados sobre o PM.

A nível do enquadramento linguístico (secção 3), apresentamos na subsecção 3.1., alguns conceitos específicos ligados à metodologia de tratamento de dados; na subsecção 3.2., debruçamo-nos sobre o processo de encaixe de discurso directo/indirecto; na subsecção 3.4., analisamos a forma como a subcategorização verbal é efectuada no Português do Brasil; na subsecção 3.5., analisamos a forma como a subcategorização verbal e o encaixe de discurso directo/indirecto é efectuada no Português de Moçambique e, por último, na subsecção 3.5.3., apresentamos breves conclusões sobre os estudos realizados sobre o PM.



CAPÍTULO II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. Introdução

Este capítulo pretende apresentar o suporte teórico para o nosso estudo e é constituído por duas partes. A primeira diz respeito à vertente sociolinguística, mais concretamente a sociolinguística variacionista laboviana, que suportará a análise das variáveis sociais deste estudo. Assim, começaremos pela apresentação de um quadro teórico imprescindível a uma análise deste tipo. Em seguida faremos a apresentação mais particular dos conceitos e aspectos terminológicos que vão ser necessários para o estudo, acompanhada de uma síntese sobre a forma como as variáveis que são alvo do nosso estudo são abordadas no PB e PM. A segunda parte diz respeito à vertente linguística, mais concretamente a linguística descritiva do Português, que suportará a efectivação da análise das construções do verbo *dizer* produzidas por falantes do POM, tendo sempre como modelo de referência o PE. Assim, para tal, iniciaremos com a apresentação dos conceitos específicos imprescindíveis a uma análise da “subcategorização verbal” e do “processo de encaixe de discurso directo/indirecto”, acompanhada dos aspectos terminológicos. Terminaremos esta parte com a apresentação de uma síntese sobre os estudos já realizados no PM relacionados com estas duas variáveis linguísticas.

2. Enquadramento sociolinguístico deste estudo

2.1. Quadro teórico

repositing

A sociolinguística é a área que “estuda a relação entre a língua e a sociedade, entre os usos da língua e as estruturas sociais nas quais os falantes vivem” (Spolsky, 1998: 3). O aspecto de relacionamento entre a língua e a sociedade apresentado por Spolsky (1998) é de capital importância para a sociolinguística e é defendido por muitos autores entre os quais se inclui Hudson (1980) que afirma que a sociolinguística tem por objectivo o estudo das fontes de contacto entre as regras da língua e a sociedade, com vista a explicar como é que as alternativas que a língua oferece são escolhidas pelos diferentes grupos sociais.

A ideia apresentada por Hudson (1980) é de certa forma também partilhada por Bitti e Zani (1997) que afirmam que o objecto da sociolinguística é a análise do acto comunicativo, considerado no seu contexto social, e das regras que governam o uso da língua numa certa comunidade e não das regras gramaticais válidas para todas as línguas.

O estudo da variação do acto comunicativo numa sociedade é possível porque existe a língua. A língua é, neste sentido, um aspecto de grande destaque na sociolinguística pois ela é determinante numa sociedade, contribui para caracterizar e diferenciar as sociedades, uma vez que “em casos mais simples são os itens linguísticos que reflectem as características sociais da pessoa” (Hudson, 1980: 120) e o que se procura na fala de uma pessoa são os índices da sua classificação social, isto é, o vernáculo.

O vernáculo é, de acordo com Tarallo (1997: 88), “a língua falada em situação natural de comunicação presente especialmente nas narrativas de experiência pessoal”.

A língua falada, devido às características das sociedades que a usam, pode sofrer uma variação e motivar o surgimento de variantes consideradas padrão/não-padrão².

A variação que sofre a língua “não é aleatória mas sim governada por restrições linguísticas e não linguísticas” (Scherre, 1996: 39). Desta forma, a variação linguística pode ser explicada à luz de elementos extralinguísticos de que fazem parte os factores sociais.

Uma das áreas bem sucedidas da sociolinguística, que faz a correlação entre os elementos linguísticos e os extralinguísticos procurando justificar as causas da variação linguística como motivada por factores extralinguísticos, é a denominada sociolinguística variacionista ou “sociolinguística quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico dos dados colectados” (Tarallo, 1997: 8). O iniciador desse modelo teórico – metodológico é o americano William Labov.

Este é o quadro teórico em que se situa a nossa investigação e termina com a justificação da escolha da sociolinguística variacionista para o estudo da variação linguística no POM.

2.2. Alguns conceitos específicos

A língua que nós falamos no nosso dia-a-dia sofre variações pois, segundo Tarallo (1997:8) “em toda a comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação”. As formas linguísticas em variação levam a que “os falantes façam o uso constante de várias possibilidades diferentes que lhes são oferecidas pela língua”

² Tarallo (1997) mostra que para além deste par de variantes existem também os pares de variantes conservadoras/inovadoras e estigmatizadas/de prestígio.

(Wardhough, 1992: 5). Nesta linha de ideia “a perspectiva variacionista não pode ser aplicada sem ter em conta uma comunidade linguística” (Labov, 1994: 2).

A definição do conceito de comunidade linguística não é consensual. A esse respeito, Firmino (2002: 47) afirma que “a noção de *comunidade linguística* é problemática, provavelmente porque é importante para o estabelecimento dos fundamentos do que significa *estudar uma língua*”. Assim, Garmadi (1983:42) postula que “mais vale falar de comunidade de discurso ou área linguística do que de comunidade linguística”³.

O facto a reter é que numa comunidade linguística a variação linguística explica-se pela correlação entre as propriedades linguísticas e os factores sociais. As propriedades linguísticas recebem várias designações, por exemplo, Garmadi (1983) adopta o termo “variedades linguísticas”, enquanto que Tarallo (1997: 88) adopta o termo “variantes linguísticas” que define da seguinte forma: “o conjunto de formas linguísticas que compõem uma variável”. A variável é, de acordo com o mesmo autor, “o conjunto de variantes”(P.88). Para o nosso estudo adoptaremos os termos “variante linguística” e “variável linguística”, tal como são definidos por Tarallo (1997).

De uma forma geral, os factores sociais⁴ recebem diferentes designações variando de acordo com a preferência do autor⁵. Para o nosso estudo adoptaremos o termo “variáveis sociais”.

³ Ver fundamentos desta situação em Garmadi (1983: 36 – 42).

⁴ Nome adoptado por Naro (1992), Moreno & Tuzine (1997) e Tuzine (1997).

⁵ Por exemplo, Preti (1977) prefere usar o termo “variáveis extralinguísticas” e afirma que elas podem ser de três espécies: geográficas (envolvem as variações regionais); sociológicas (compreendem as variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região e raça) e contextuais. Por outro lado, Silva (1996) prefere usar o termo “variáveis sociais” e mostra que elas comportam os seguintes elementos sexo, faixa etária, nível de escolarização, mercado ocupacional, mídia, sensibilidade linguística e renda. Por último, Omena (1996) prefere usar o termo “influências sociais”.

^{numa base,}
É de notar que para o presente estudo colocaremos em evidência apenas duas variáveis sociais: escolaridade e profissão⁶.

Apesar de se evidenciar mais a questão das variáveis sociais escolaridade e profissão como sendo potenciais causadores da variação linguística, como veremos mais adiante, Stroud (1997: 21) adverte que “um conceito social complementar que promete abarcar dimensões importantes da variação na língua é o de *rede social* e, define como sendo “um grupo de pessoas com quem um indivíduo interage regularmente”.

Entretanto, segundo Gal (1979: 14), “não é somente a frequência do contacto social que é importante, mas também a natureza do relacionamento entre os falantes, o carácter social dos contactos e o propósito da interacção”.

Para elucidar a questão de as variáveis sociais escolaridade/profissão serem potenciais causadoras da variação linguística, tomemos como exemplo, Labov (1966) que efectuou o estudo sobre o inglês falado em Nova Iorque usando três variáveis sociais: - rendimento, educação e profissão - e constatou que “a aquisição da pronúncia [r] está ligada à vida profissional, e a estratificação social e estilística do [dh] e do [th] está fortemente ligada à educação” (Marcellesi e Gardin, 1974: 147, nosso sublinhado).

Por outro lado, as duas variáveis também foram objecto de estudo a nível do PB. De uma forma geral, por exemplo, Tarallo (1997: 47) diz que o “Brasil é uma sociedade estratificada em que o nível socioeconómico e de escolaridade do indivíduo têm directa relevância sobre o seu desempenho linguístico”. Um estudo que mostra claramente o papel destas variáveis sociais foi efectuado por Mollica (1995).

⁶ Chamamos a atenção para o facto de muitos autores denominarem a variável profissão de mercado ocupacional. De acordo com Silva (1996: 64) por mercado ocupacional entende-se “a correlação entre o tipo de actividade profissional desenvolvida por uma pessoa ao longo de sua vida e a necessidade do uso de formas linguísticas de prestígio”.

Mollica (1995) estudou o emprego ou não do elemento preposicional *de* diante de *que*, facto denominado *Queísmo e Dequeísmo*⁷, tendo constatado que, de uma forma geral, o *Dequeísmo* é produzido predominantemente por indivíduos mais escolarizados. Desta forma, a autora postula que o *Dequeísmo* se deve a uma certa insegurança do falante quanto à regência dos verbos e os falantes que mantêm contacto permanente com a norma e precisam dela profissionalmente são altamente dequeístas em confronto com os de contacto esporádico ou de nenhum contacto.

2.3. Estudos sociolinguísticos realizados sobre o PM

De acordo com os estudos já disponíveis, as variáveis sociais que mais se destacam na variação do PM são: escolaridade, profissão e rede social (cf. Firmino (1994) e (2002); Moreno & Tuzine (1997); Silva (1991) e Tuzine (1997)).

Silva (1991) estudou o Português falado em ^{Maputo} Moçambique e constatou que “do ponto de vista sociolinguístico, parece haver dois tipos de fenómenos que caracterizam o Português de Maputo: hiper correcção e insegurança linguística” (P.103), em que para além dos erros clássicos de interferência de L1 para L2, observa-se também que o erro muitas vezes depende do grau de escolaridade.

O facto de a escola ter sido e continuar a ser um dos principais mecanismos da formação de falantes da língua portuguesa, explica também por que razão esta passa a ser uma das marcas de identidade e distinção das elites, que foram constituídas fundamentalmente através da escolarização (Firmino, 1994: 5).

Os dois autores acima convergem na ideia segundo a qual a escolarização influi na variação do Português falado em Moçambique. Este facto volta a ser novamente

⁷ Estes aspectos serão vistos com mais detalhe na subsecção número 3.4.

reparar
destacado por Firmino (2002: 122) ao constatar que “a escolarização continua ainda a ser o factor para o acesso a certas formas valorizadas do Português. É o monopólio destas formas que distingue as elites e não o conhecimento da língua portuguesa como tal”.

Ao nível da associação entre os factores sociais *reparar* escolaridade e profissão, Moreno & Tuzine (1997) efectuaram um estudo que pretendia examinar que factores sociais influenciam a ocorrência de variação no POM e constataram que o nível de escolaridade e a profissão são factores mais relevantes do que a idade e o local de residência, para a ocorrência de desvios no discurso dos falantes da amostra que usaram.

Por último, Tuzine (1997) tomando como *reparar* base uma variável diferente das vistas até aqui, efectuou um estudo que pretendia ver até que ponto a aplicação do conceito “Rede Social” podia ser um complemento à análise dos fenómenos de variação e mudança linguística no POM. Concluiu que a adopção desta variável na explicação dos fenómenos de variação linguística parece importante porque o que se deve opor em estudos de fenómenos de variação linguística não são, necessariamente, falantes em razão do seu local de residência, mas pelo facto de esses falantes poderem ou não participar em interacções sociais regulares, por via das suas ligações socio-profissionais, de amizade ou de vizinhança, que podem influir no seu comportamento linguístico.

Para finalizarmos esta subsecção, gostaríamos de retomar Silva (1991: 103) que sugere, que para o melhor entendimento da variação que caracteriza o PM, “existem neste momento quatro grandes factores sociolinguísticos que necessitam de uma investigação mais séria e rigorosa: a classe social, a escola, os órgãos de informação e a nova geração urbana”.

3. Enquadramento linguístico deste estudo

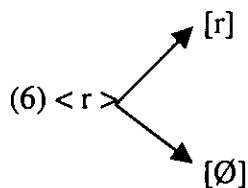
3.1. Alguns conceitos específicos

Na presente secção faremos uma breve descrição sobre como o verbo *dizer* se comporta relativamente às “propriedades de subcategorização” e “processo de encaixe de discurso directo/indirecto”. Antes, porém, começaremos por apresentar os conceitos específicos para uma descrição deste tipo.

Normalmente, as variáveis linguísticas definem-se como sendo “o conjunto de diferenças situadas simultaneamente aos níveis do léxico, da gramática e da fonologia, ou só a um ou dois destes níveis dentro do sistema” (Garmadi, 1983: 29).

A variável linguística, termo que adoptaremos para o presente estudo, pode ser constituída por variantes.

Para a análise das variáveis e variantes linguísticas usaremos o formalismo apresentado por Tarallo (1997: 8 – 9), segundo a qual usam-se parênteses angulares < > para destacar a variável, ou seja, para indicar a variação do item linguístico analisado e colchetes [] para as variantes. Por exemplo, Tarallo (1997: 12) faz menção ao estudo efectuado por Labov (1966) sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque e diz que “Labov observou duas maneiras distintas de se pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico. Essas duas formas são a presença do segmento ([r]) vs. sua ausência ([Ø]) em contextos fonológicos idênticos”. A formalização deste fenómeno seria a seguinte: | *aduzem* | *Labov*.



De acordo com (6), a variável < r >, apresenta duas variantes, [r] e [Ø].

3.2. A subcategorização verbal

O verbo é uma categoria sintáctica que possui propriedades que lhe permitem escolher os elementos com os quais deve ocorrer numa frase. Por outras palavras, podemos dizer que “cada verbo tem uma *impressão digital* particular relativamente à categoria gramatical dos complementos com os quais pode ou deve ocorrer dentro de um SV” (Raposo, 1992: 93).

Desta forma, partindo deste pressuposto podemos considerar que o verbo é um elemento base e indispensável na formação de uma frase. Como “a informação sobre a série de complementos que um dado item possui considera-se informação de subcategorização” (Radford, 1988: 339), podemos assumir que “os complementos que pertencem ao quadro de subcategorização de um verbo dizem-se *subcategorizados* por esse verbo (inversamente, cada verbo *subcategoriza* os seus complementos)” (Raposo, 1992: 93).

Neste sentido, as orações completivas são “frases subordinadas ou encaixadas, dependentes de uma frase principal, matriz ou superior” (Casteleiro, 1981: 108). Por outras palavras, as orações completivas são subcategorizadas por verbos contidos na frase superior.

3.3. Processo de encaixe de discurso directo/indirecto

O discurso directo, também denominado “discurso citado”, é “a forma de expressão em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras” (Cunha e Cintra, 1996: 630). Este tipo de discurso, ainda de acordo com os mesmos

autores, no plano formal, caracteriza-se por ser introduzido por um verbo do tipo declarativo, como ilustra o exemplo seguinte, extraído destes autores: *enunciado?*

(7) Penso – **disse meu pai** – que te darás melhor em letras.

Por seu turno, Marinis (1983) afirma que em termos da descrição gramatical, o discurso directo é apenas um caso de coordenação, de justaposição de frases, que é marcada na escrita por um intervalo ; e por aspas '...' ou por acréscimo à entoação e intervalo de um complemento de objecto directo como 'o seguinte'. Consideremos os exemplos seguintes, extraídos desta autora: *reporte*
advancing
transmission

(8) a. O Pedro disse-me ; 'Não posso trabalhar porque estou doente'.

b. O Pedro disse-me o seguinte: 'Não posso trabalhar porque estou doente'.

Quanto ao discurso indirecto, também denominado "discurso relatado", este é segundo Cunha e Cintra (1996: 631), o processo de reprodução de enunciados em que o narrador incorpora, ao seu próprio falar, uma informação do personagem. *reporting*

Esta definição vai de acordo com a definição apresentada por Marcellesi e Gardin (1974: 221) segundo a qual, o discurso indirecto "é uma transmissão analítica do discurso dos outros", uma vez que os autores em causa defendem que existe uma transmissão de algo que já foi dito por outras pessoas. *reporting*

De acordo com Gonçalves et al. (1986), na realização de discurso indirecto, relativamente ao enunciado inicial, para além do uso da estrutura de complementação desencadeada por um verbo declarativo ou interrogativo, operam-se modificações a vários níveis, como relativos ao tempo, espaço, pessoa, etc, como ilustra o exemplo seguinte, extraído das mesmas autoras: *advancing*
labeling

(9) a. Ele disse: "Eu vou à África do Sul."

b. Ele disse [que ele ia à África do Sul].

No exemplo (9) na realização do discurso indirecto efectuaram-se alterações das formas que designam a pessoa (*eu vs. ele*) e o tempo (*vou vs. ia*).

No plano formal, considera-se que o discurso indirecto “é um caso de subordinação dum frase completiva” (Marinis, 1983: 3), como se pode verificar no seguinte exemplo:

(10) O professor disse [_F que as aulas iniciaram ontem].

3.4. Variação à norma europeia no Português do Brasil

Tanto quanto é do nosso conhecimento no PB apenas há variação ao nível das “propriedades de subcategorização verbal” e não no “encaixe de discurso directo/indirecto”.

Assim, conforme já referido na subsecção 2.2, o fenómeno de variação na regência de orações completivas no PB foi estudado por Mollica (1995). O estudo em causa mostra que ao nível do PB existem situações em que a oração completiva é regida pela preposição *de* em circunstâncias em que a norma prevê a regência da oração completiva por meio do verbo da frase superior. Esta situação ocorre em indivíduos mais escolarizados e deve-se a uma certa insegurança do falante quanto à regência dos verbos.

Macedo (1994: 92) partilha de certa forma a constatação de Mollica (1995) ao afirmar que há indícios de que o dequeísmo seja um fenómeno de hiper correcção e de que ocorre quando se presta extrema atenção à própria fala, com a preocupação consciente de se ajustar ao padrão, e quando existe insegurança linguística.

O estudo de Mollica (1995) centra-se na relação sintáctica de complementação caracterizada pela alternância do binómio presença/ausência do elemento preposicional *de* diante de *que*. Assim, a autora postulou que em contextos em que a norma prevê o uso

da preposição *de*, a ausência da preposição leva o nome de Queísmo e naquele em que se proscree completamente o emprego da preposição *de*, a sua presença recebe o nome de Dequeísmo, como ilustram os exemplos seguintes extraídos de Macedo (1994: 91):

- (11) a. eu estou com a impressão *de que* o senhor é candidato... (norma)
b. tenho certeza *que* entre mim e o povo há muita coisa em comum. (queísmo)
c. eu poderia provar *de que* houve fraude nas eleições passadas. (dequeísmo, proscrito)

3.5. Variação à norma europeia no Português de Moçambique

As variáveis linguísticas “subcategorização verbal” e “processo de encaixe de discurso directo/indirecto” constituem uma área de variação no PM e os estudos já realizados ora (a) analisam a forma como essas estruturas se realizam na interlíngua dos aprendentes do Português como L2 (cf. Gonçalves et al. (1986); Gonçalves & Maciel (1998); Marinis (1983)) ora (b) analisam a forma como essas estruturas se realizam na gramática dos adultos (cf. Gonçalves (1996b), (2001); Gonçalves et al. (1998); Issak (1998)).

Para o presente estudo trataremos dos casos respeitantes ao grupo (b) porque os nossos dados empíricos foram extraídos de uma amostra constituída por uma população adulta.

3.5.1. A subcategorização verbal

O PM distingue-se do PE a nível de encaixe de orações completivas dominadas por SV porque: “observa-se a tendência para fazer preceder de uma preposição este tipo de orações” (Gonçalves 1996b: 319). A autora em causa vai mais longe ao afirmar que

“as preposições mais usadas são *de* e *para*, e a sua escolha parece estar condicionada pela semântica do verbo superior” (P. 319).

Os aspectos levantados por Gonçalves (1996b) foram confirmados por Issak (1998) que, de uma forma mais detalhada, estudou a questão da regência de orações completivas no PM. Desse estudo, Issak (1998) constatou que a preposição *de* se insere junto do complementador *que* quando os verbos superiores são declarativos simples, de actividade mental e perceptivos e o verbo da oração completiva está no modo indicativo, como ilustra o exemplo seguinte, extraído da mesma autora: *Andreasen (1998)*

(12) Sei [**de** que serei alvo].

Por outro lado, a preposição *para* insere-se junto do complementador *que* quando os verbos superiores são directivos e o verbo da oração completiva está no modo conjuntivo, como ilustra o exemplo seguinte, extraído de Issak (1998: 84):

(13) ... suplico aos ex-beligerantes [**para** que observem...].

Por último, Issak (1998) salienta ainda que este fenómeno de regência de orações completivas pelas preposições *de* e *para*, ocorre igualmente com verbos do PE que não seleccionam complementos frásicos, e que, no PM, são estabelecidos como verbos superiores de frases completivas, como ilustra o exemplo seguinte, extraído da mesma autora:

(14) Aproveito a oportunidade de *actualizar de* que a fábrica encara dificuldades.

3.5.2. Processo de encaixe de discurso directo/indirecto

De uma forma geral, o principal aspecto que diferencia o PM do PE prende-se com o facto de, segundo Gonçalves (2001: 984), “a presença do complementador *que* não

desencadear qualquer tipo de alteração morfológica – a nível da flexão do verbo em pessoa ou tempo – ou da substituição dos elementos deíticos presentes nas frases do discurso citado, como é requerido no PE”, como mostra o exemplo seguinte, extraído da mesma autora:

(15) Ismail Mussagy diz que “eu acho que todos os comerciantes sentem que é necessário continuar”.

3.5.3. Breves conclusões sobre os estudos linguísticos realizados sobre o PM

Embora, os fenómenos de “subcategorização verbal” e “encaixe de discurso directo/indirecto” tenham já sido alvo de vários tipos de pesquisas, a “subcategorização verbal” foi o aspecto mais evidenciado por vários estudiosos, quer seja numa perspectiva de aquisição, quer seja com o objectivo de captar a especificidade do seu formato relativamente ao PE.

e/por
A maior parte dos estudiosos convergem na ideia de que a “subcategorização verbal” no PM difere-se do PE basicamente pela regência da oração completiva por meio de preposição em contextos em que a norma do PE prevê a regência por meio do verbo da oração superior.

Quanto ao “encaixe de discurso directo/indirecto”, os estudiosos partilham a ideia segundo a qual a diferença entre o PM e o PE está no facto de no PM o complementador *que* introduzir tanto o discurso directo como o discurso indirecto.

Capítulo III – Metodologia de Investigação

Resumo

Este capítulo pretende, de uma forma geral, apresentar os passos seguidos para a selecção, constituição e organização dos informantes e do *corpus* que constituiu a base da nossa pesquisa.

Assim, na subsecção 1.1., apresentamos os procedimentos de recolha dos dados; na subsecção 1.2., efectuamos a caracterização geral dos informantes; na subsecção 1.3., apresentamos a constituição e organização do *corpus*; na subsecção 1.4., mostramos a forma como efectuámos a codificação dos dados e, por último, na secção 2., apresentamos breves conclusões sobre o capítulo.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1. Introdução

O estudo sobre a variação linguística pressupõe necessariamente a escolha de uma metodologia de investigação que nos leve à recolha de um *corpus* que permita registar o reportório linguístico representativo dos falantes da variante em análise.

Neste sentido, para registar o reportório linguístico representativo dos falantes do POM, optámos por trabalhar com um *corpus* oral. Esta opção advém do facto de um *corpus* oral “dar acesso aos dados linguísticos que não podem ser manipulados através da introspecção, isto é particularmente válido para casos de variação linguística, social ou regional, que só podem ser captados através de amostras de língua representativas dos grupos ou regiões em que são produzidos” (Gonçalves & Stroud, 1998: 8).

1.1. Procedimentos de recolha de dados

O nosso estudo tem como base empírica um *corpus* oral recolhido no âmbito do projecto PPOM produzido por 20 informantes extraídos de um universo de 100 informantes da cidade de Maputo.

Os informantes entrevistados são residentes em duas zonas distintas da cidade de Maputo: (a) zona suburbana, mais concretamente, bairros de Chamanculo, Mafalala e Maxaquene e (b) zona urbana, mais concretamente, bairros de Alto-Maé e Polana Cimento.

O *corpus* em causa foi recolhido por uma equipa de investigadores do INDE através de gravações de entrevistas individuais ou encontros dos informantes com

parceiros da sua escolha. Para o nosso estudo preferimos trabalhar com dados recolhidos através de entrevistas porque, de acordo com Gonçalves (1997: 61), "através das entrevistas seriam recolhidos dados correspondentes a uma faixa mais formal do seu discurso, uma vez que estes estariam confrontados com um elemento da equipa praticamente desconhecido, e tinham de abordar temas determinados previamente".

Os temas das entrevistas individuais, com a duração média de 30 a 40 minutos, debruçavam-se sobre cinco aspectos da vida quotidiana: Namoro/Casamento, Emprego/Custo de Vida, Educação, Deslocações/Transportes e Infância/Autobiografia.

1.2. Caracterização geral dos informantes

Com vista à validação da nossa hipótese de investigação (cf. capítulo I (1.2)), seleccionámos 20 informantes que, ao nível das variáveis sociais escolaridade/profissão, apresentam as seguintes características: 10 informantes são do nível E1 e desempenham actividades profissionais consideradas Baixas e os restantes 10 informantes são do nível E2 e desempenham profissões consideradas Médias.

As designações Baixas e Médias têm a ver com a capacidade que as profissões oferecem para o uso e disseminação da língua portuguesa. Para o nosso estudo, dentro destes dois níveis de escolaridade, escolhemos as duas classes iniciais do nível E1, a 3ª e a 4ª e as duas classes finais do nível E2, a 9ª e a 10ª por forma a permitir um melhor contraste dos resultados entre os dois níveis. Daqui em diante usaremos as designações E1 e E2, estando subjacente que o nível E1 se liga ao desempenho de profissões consideradas Baixas e o nível E2 liga-se ao desempenho de profissões consideradas Médias.

Conforme já mencionamos, os nossos informantes residem em cinco bairros da cidade de Maputo. Assim, os informantes do nível E1 são residentes na sua maioria da zona suburbana, o equivalente a 90%, e os do nível E2 são residentes na sua maioria da zona urbana, o equivalente a 70%. A tabela I sintetiza estas informações. *advancing /*

TABELA I

Distribuição das variáveis sociais escolaridade/profissão por zona de residência dos informantes

Escolaridade + Profissão	Zona de Residência							Total
	Suburbana				Urbana			
	CH	MF	MX	Subtotal	AM	PC	Subtotal	
E1 (+ Baixa)	4	3	2	9 (90%)	1	-	1 (10%)	10 (100%)
E2 (+ Média)	1	1	1	3 (30%)	4	3	7 (70%)	10 (100%)

No que diz respeito à faixa etária dos nossos informantes, verificamos que os 20 informantes se distribuem por cinco faixas⁸, designadamente, dos 16-25, 26-35, 36-45, 46-55 e mais de 55 anos, como ilustra a tabela abaixo: *advancing.*

TABELA II

Distribuição das variáveis sociais escolaridade/profissão por faixa etária dos informantes

Escolaridade + Profissão	Faixa Etária					Total
	16-25	26-35	36-45	46-55	> 55	
E1 (+ Baixa)	(2/10) 20%	-	(1/10) 10%	(2/10) 20%	(5/10) 50%	10 (100%)
E2 (+ Média)	(1/10) 10%	(5/10) 50%	(1/10) 10%	(3/10) 30%	-	10 (100%)

A tabela II mostra que, enquanto no nível E1 a faixa etária dos mais de 55 anos apresenta a maior percentagem de informantes (50%) e a faixa etária dos 26-35 anos não

⁸ A presente distribuição das faixas etárias foi estabelecida no âmbito do projecto PPOM.

registra nenhum informante, no nível E2 a faixa etária dos 26-35 anos apresenta a maior percentagem de informantes (50%) e a faixa etária dos mais de 55 anos não regista nenhum informante.

Analisando a distribuição dos informantes que produziram as frases do nosso *corpus* por sexo, notamos que por um lado, no nível E1 há mais informantes do sexo feminino e, por outro lado, no nível E2 há mais informantes do sexo masculino. A tabela III sintetiza esta informação. } *advancijl*

TABELA III

Distribuição das variáveis sociais escolaridade/profissão por sexo dos informantes

Escolaridade + Profissão	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
E1 (+ Baixa)	(6/10) 60%	(4/10) 40%	10 (100%)
E2 (+ Média)	(4/10) 40%	(6/10) 60%	10 (100%)

A tabela III mostra que, por um lado, no nível E1 a maior parte dos informantes é do sexo feminino (60%), enquanto que, por outro lado, no nível E2 acontece o inverso, a maior parte dos informantes é do sexo masculino (60%).

Por último, a nível da língua materna, a maior parte dos nossos informantes tem uma língua do grupo bantu como sua língua materna, como ilustra a tabela seguinte: *advancijl*

TABELA IV

Distribuição das variáveis sociais escolaridade/profissão em função da língua materna dos informantes

Escolaridade + Profissão	Línguas					Total
	Bantu ⁹				Não Bantu	
	Bitonga	Macua	Changana	Ronga	Português	
E1 (+ Baixa)	(1/10) 10%	(3/10) 30%	(2/10) 20%	(4/10) 40%	-	10 (100%)
E2 (+ Média)	(3/10) 30%	(1/10) 10%	(2/10) 20%	(3/10) 30%	(1/10) 10%	10 (100%)
Total	(4/20) 20%	(4/20) 20%	(4/20) 20%	(7/20) 35%	(1/20) 5%	20 (100%)

A tabela IV mostra que todos os informantes nível E1 possuem uma língua bantu como a sua língua materna. Por outro lado, 9 informantes (90%) do nível E2 também possuem uma língua bantu como sua língua materna. A tabela mostra ainda que a língua Ronga possui o maior número de informantes (7), o equivalente a 35%.

O nosso *corpus* é constituído por 295 frases em que o verbo *dizer* ora selecciona complementos oracionais ora desencadeia o encaixe de discurso directo/indirecto.

Os informantes da faixa etária dos mais de 55 anos produziram o maior número de frases (89), o equivalente a 30.2%, como ilustra a tabela (ii) no anexo 2.

Tendo em conta a variável sexo, 161 frases, o equivalente a 54.6% foram produzidas por informantes do sexo feminino e as restantes 134 frases, o equivalente a 45.4% foram produzidas por informantes do sexo masculino, como ilustra a tabela seguinte:

⁹ Para o presente estudo adoptamos a grafia portuguesa para os nomes das línguas bantu. Os falantes nativos designam as respectivas línguas da seguinte maneira: Gitonga, Emakhwa, Xichangana e Xirhonga, respectivamente; seguimos a ortografia adoptada por Siteo & Ngunga (2000).

TABELA V

Distribuição das frases produzidas de acordo com o sexo dos informantes

Sexo dos Informantes				Total
Feminino		Masculino		
Informantes	Frases	Informantes	Frases	
(10/20) 50%	(161/295) 54.6%	(10/20) 50%	(134/295) 45.4%	100%

De uma forma geral, partindo da variável escolaridade, nota-se que os informantes do nível E1 produziram 160 frases, o equivalente a 54.2% contra 135 frases, o equivalente a 45.8% produzidas por informantes do nível E2, como ilustra a tabela seguinte: *akawacyl*

TABELA VI

Distribuição das frases por nível de escolaridade

Número de Frases		Total
E1	E2	
(160/295) 54.2%	(135/295) 45.8%	100%

Das 295 frases, 181 o equivalente a 61.4%, está em conformidade com a norma do PE. Destas frases, 82 frases o equivalente a 27.8%, foram produzidas por informantes do nível E1 e 99 frases, o equivalente a 33.6%, foram produzidas por informantes do nível E2. As restantes 114 frases, o equivalente a 38.6%, são estranhas ao PE. Destas frases, 78 frases o equivalente a 26.4% foram produzidas por informantes do nível E1 e 36 frases, o equivalente a 12.2% foram produzidas por informantes do nível E2. A tabela VII sintetiza esta informação.

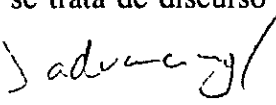
TABELA VII

Distribuição das frases padrão/não-padrão por nível de escolaridade

Tipo de Frases	Nível	Frases Produzidas	Total
Padrão (PE)	E1	82 (27.8%)	181 (61.4%)
	E2	99 (33.6%)	
Não-Padrão (POM)	E1	78 (26.4%)	144 (38.6%)
	E2	36 (12.2%)	
Total	-	295 (100%)	295 (100%)

1.3. Constituição e organização do *corpus*

O *corpus* (anexo 1) é constituído por 6 subsecções, organizadas tendo em conta duas variáveis linguísticas: (a) “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*” (complementos oracionais) e (b) “encaixe de discurso directo/indirecto”. Assim, as subsecções D + E têm a ver com a variável (a) e as subsecções A + C têm a ver com a variável (b). Por outro lado, as subsecções B + F têm a ver tanto com a variável (a) como com a variável (b).

Na sistematização dos dados colhidos, verificamos que existem casos de discurso indirecto 'puro' e outros que é difícil estabelecer se se trata de discurso indirecto ou de complemento oracional, veja-se o exemplo seguinte: 

(16) ... aquele sítio **disseram que fora, lá vai-se de autocarro** (f.107)

Assim, em vez de termos duas variantes, por exemplo, V (OI) + Que + F e V (OI) + Que + DI, optámos por aglutiná-las numa única variante V (OI) + Que + F/DI. Esta particularidade acontece nas subsecções B, E e F do anexo 1.

Em alguns casos de encaixe de discurso directo/indirecto, as frases equivalentes apresentam duas hipóteses de correcção porque estávamos na impossibilidade de saber se o informante pretendia realizar o encaixe de discurso indirecto (veja-se a introdução do

que) ou de discurso directo (veja-se o uso de "...", que equivale, na gravação, a entoação de discurso directo), como ilustra o exemplo seguinte: *advancys/*

(17) ... sabe dizer que "você já passou teu tempo..." (f.2)

(= ... sabe dizer: "você já passou..."/... sabe dizer que DI)

O exemplo (17) apresenta duas hipóteses de correcção. Por isso, depois do sinal de equivalência (=) apresentamos a primeira hipótese, o encaixe de DD, e, em segundo lugar, depois da barra oblíqua apresentamos a segunda hipótese, o encaixe de DI.

Para o equivalente no encaixe de DI, apresentamos apenas a estrutura (= que DI) e não a frase porque o nosso estudo não pretende analisar os erros cometidos na realização de encaixe de DI. Nos casos em que se mostra necessário fazemo-lo ao longo da análise dos dados.

1.4. Codificação dos dados

No que diz respeito aos códigos dos informantes, no presente estudo conservámos parcialmente os códigos do projecto PPOM para garantir a articulação com futuras pesquisas sobre esta mesma base de dados. Isto quer dizer que do código do PPOM retivemos apenas o símbolo referente ao nome do informante e acrescentámos a esse símbolo um número (1 ou 2) referente ao nível de escolaridade, veja-se o exemplo seguinte: *advancys/*

(18) a. AM8JOA (PPOM) → JOA1

b. MX9KUT (PPOM) → KUT2

O código (18a) mostra que abandonámos tanto o símbolo referente ao local de residência do informante (AM) como o número do informante (8) e retivemos apenas o símbolo referente ao nome atribuído ao informante (JOA), ao qual acrescentámos o número 1, referente ao nível de escolaridade do informante JOA. O mesmo processo

ocorreu no código (18b) em que o símbolo KUT2 quer dizer que o informante identificado por KUT possui o nível de escolaridade E2. Esse tipo de informação vem expresso no fim de cada frase do nosso *corpus*.

Por último, o nosso *corpus* apresenta, destacado em negrita, o verbo *dizer* e o seu complemento oracional, como se pode ver no exemplo abaixo: *adrcg/l.*

(19) ... eu **dizia que "ah isso é mentira"** (f. 90)

O número que aparece no final de cada frase-exemplo, refere-se ao número atribuído à frase no *corpus*, no anexo 1.

2. Breves conclusões

A análise dos dados sociolinguísticos dos nossos 20 informantes permitiu-nos concluir que: *adrcg/l.*

- no que se refere à variável local de residência, 60% dos informantes na sua maioria do nível E1 residem na zona suburbana e 40% dos informantes na sua maioria do nível E2 residem na zona urbana;

- a nível da variável faixa etária, metade dos informantes do nível E1 pertence à faixa etária dos que têm mais de 55 anos, enquanto que no nível E2, metade dos informantes pertence à faixa etária dos 26 – 35 anos;

- no que diz respeito à variável sexo, a maior parte dos informantes (60%) do nível E1 é do sexo feminino, enquanto que a maior parte dos informantes (60%) do nível E2 é do sexo masculino;

- por último, no que diz respeito língua materna dos nossos informantes, apenas 1 informante (10%) do nível E2 tem o Português como a sua língua materna, os restantes informantes (90%) possuem uma língua do grupo bantu como língua materna.

Capítulo IV – Análise de Dados

Resumo

Este capítulo pretende descrever como se processa o fenómeno de variação linguística no POM.

Assim, na secção 1., apresentamos a metodologia de análise de dados.

A nível da análise linguística (secção 2.1.), efectuamos na subsecção 2.1.1., a análise da variável “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*”; na subsecção 2.1.2., efectuamos a análise da variável “encaixe de discurso directo/indirecto”; na subsecção 2.1.3., apresentamos resultados da análise linguística.

A nível da análise sociolinguística (subsecção 2.2), debruçamo-nos na subsecção 2.2.1. sobre a influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre as “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*”; na subsecção 2.2.2, debruçamo-nos sobre a influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o “encaixe de discurso directo/indirecto”; por fim, na subsecção 2.3., apresentamos resultados da análise de dados.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS

1. Metodologia de Análise de Dados

Conforme tivemos a oportunidade de anunciar, o nosso estudo é constituído por duas vertentes, a sociolinguística e a linguística. Desta forma, para uma melhor análise dos dados, preferimos na primeira parte deste capítulo, começar pela análise linguística das variáveis “propriedades de subcategorização” e “encaixe de discurso directo/indirecto” e, em seguida, na segunda parte deste capítulo apresentar a análise sociolinguística das mesmas variáveis.

De uma forma geral, tendo como referência a norma do PE, as duas variáveis em estudo apresentam variantes consideradas padrão e não-padrão, como se pode verificar a partir da tabela seguinte: *aduzo*

TABELA VIII

Informação geral percentual relativa à produção das variantes padrão e não-padrão

Variante	Variável	Nível de escolaridade				Total
		E1		E2		
		Infor	Frases	Infor.	Frases	
Padrão	Prop. de subcategorização	37.5%	26.2%	62.5%	73.8%	100%
	Encaixe de DD/DI	50%	45.3%	50%	54.7%	100%
Não-padrão	Prop. de subcategorização	-	-	100%	100%	100%
	Encaixe de DD/DI	55.6%	77.2%	44.4%	22.8%	100%

A tabela VIII mostra que ao nível das variantes padrão: (a) na variável “propriedades de subcategorização” destaca-se o nível E2 pois possui mais informantes (62.5% contra 37.5% do nível E1), e o mesmo nível produz mais frases (73.8% contra 26.2% do nível E1) e (b) na variável “encaixe de DD/DI” não há diferenças relevantes entre os níveis E1 e E2, visto que ambos possuem 50% de informantes. Neste caso, a

diferença verifica-se apenas no número de frases, onde o nível E2 produz 54.7% contra 45.3% do nível E1.

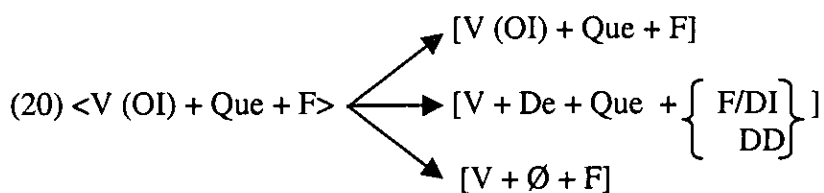
Ao nível das variantes não-padrão: (a) na variável “propriedades de subcategorização” apenas o nível E2 é que produz essa variável, e (b) na variável “encaixe de DD/DI” destaca-se o nível E1 pois possui mais informantes (55.6% contra 44.4% do nível E2), e o mesmo nível produz mais frases (77.2% contra 22.8% do nível E2).

2. Análise de Dados

2.1. Análise Linguística

2.1.1. Variável “Propriedades de Subcategorização do Verbo Dizer”

A variável acima é constituída por três variantes, que apresentaremos usando o formalismo proposto por Tarallo (1997). Conforme referimos no capítulo II, os parênteses angulares < > destacam a variável que indica a variação do item linguístico analisado e os colchetes [] indicam as variantes da mesma variável, como mostra a síntese seguinte: *adversary/*



(i) [V (OI) + Que + F]

Na variante acima, o verbo da frase superior, com e sem OI realizado lexicalmente, subcategoriza uma oração completiva. Esta variante está em conformidade com a norma do PE e ocorre no POM como mostram os exemplos seguintes: *Quem sabe*

(21) a. ...foi o ministério que [SV disse [OI ao miúdo] [F que deixasse de estudar...]] (f.181)

b. Posso [SV dizer [F que foi uma viagem de aventura...]] (f. 106)

(ii) [V + De + Que + { F/DI / DD }]

A inclusão neste ponto de casos em que ocorre o DD/DI prende-se com o facto de haver aspectos relacionados com as propriedades de subcategorização verbal. O encaixe do DD/DI será analisado na subsecção seguinte.

a. [V + De + Que + F/DI]

A variante acima mostra um processo de encaixe de discurso indirecto introduzido pelo complementador *que*, sendo a oração completiva subcategorizada pela preposição *de*, conforme já vimos, este fenómeno é denominado *Dequeísmo*, como mostra o exemplo seguinte: *de dizer de/entender de*

(22) Durante a minha infância posso [SV dizer [SP de [F que [DI nas primeiras fases no/não entendia nada...]]]] (f.287)

Este tipo de variante é inexistente no PE.

De acordo com Issak (1998: 89) a produção deste tipo de construções no PM pode ser motivada por uma generalização da estrutura das chamadas “completivas preposicionais” do PE, como ilustra o exemplo seguinte, extraído da mesma autora: *n. português*

(23) a. A Maria [SV insistiu [SP em [F que fôssemos ao cinema]]].

Aliado a este facto, ainda de acordo com Issak (1998: 90), no PE verifica-se em certos casos, a existência de frases completivas verbais finitas “em que a preposição tem uso opcional”, como mostra o exemplo seguinte, extraído da mesma autora: *advocacy*

(24) O Pedro [esqueceu-se [(de) que devia partir]].

b. [V + De + Que + DD]

A variante acima mostra um processo de encaixe de discurso directo introduzido pelo complementador *que*, sendo a oração completiva subcategorizada pela preposição *de*.

Esta variante não está em conformidade com a norma do PE pelo facto de apresentar o cruzamento de duas variantes, também inexistentes no PE, isto é, a variante em que a oração completiva é subcategorizada pela preposição *de* e a variante em que o complementador *que* é seguido pelo discurso directo. Veja-se o exemplo seguinte:

(25) ... eu [SV disse [SP de [F que [DD "não é esse curso aí que eu quero..."]]]]

(f.285)

De acordo com a norma do PE, existem duas estruturas alternativas para a frase

(25):

(25)' a. ... eu disse: "não é esse curso aí que eu quero..."

b. ... eu disse que não era aquele curso ali que eu queria.

No exemplo (25'a), retirou-se a preposição *de* e o complementador *que* para permitir a reprodução directa do enunciado produzido por um dado locutor. No exemplo (25'b), retirou-se apenas a preposição *de* e manteve-se o complementador *que*, mas transformou-se o discurso directo em indirecto.

(iii) [V + Ø + F]

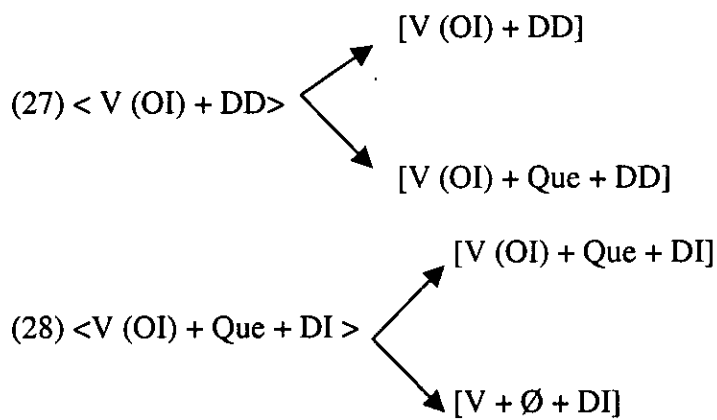
Nesta variante, a oração completiva não é introduzida pelo complementador *que*, como se pode observar no exemplo seguinte: *advancing*

(26) ... eu posso [SV dizer [F essa nova tabela é... uma tabela pode-se receber trezentos]] (f.292)

Este tipo de orações completivas é inexistente no PE.

2.1.2. Variável “Encaixe de Discurso Directo/Indirecto”

A variável acima é constituída por quatro variantes, duas respeitantes ao encaixe de discurso directo (DD) e duas respeitantes ao encaixe de discurso indirecto (DI), que apresentaremos usando o formalismo proposto por Tarallo (1997). Veja-se a seguinte síntese: *adv. ci. 1997*



Ao nível da variável “encaixe de discurso directo”, as duas variantes apresentam as seguintes particularidades: *lun. 1997*

(i) [V (OI) + DD]

Na variante acima, o verbo *dizer*, com ou sem OI realizado lexicalmente, faz uma reprodução directa do enunciado produzido por um dado locutor.

Esta variante está em conformidade com a norma do PE e ocorre no POM, como mostra o exemplo seguinte:

(29) ... que ele me diga: “oh pá não tenho cadernos” (f. 185)

A reprodução directa do enunciado produzido por um dado locutor pode ser explicada pela não modificação da estrutura da frase citada e pelo uso da devida entoação

que é demonstrada graficamente através da colocação de dois pontos (:) a seguir ao verbo e do uso de aspas (“ ”) para delimitação a enunciado reproduzido.

(ii) [V (OI) + Que + DD]

Na variante acima, para além do uso do verbo *dizer*, com ou sem OI realizado lexicalmente, é usado o complementador *que*, que é seguido pelo discurso directo.

Esta variante não está em conformidade com a norma do PE porque o complementador *que* exige o encaixe de discurso indirecto, como ilustra o exemplo seguinte:

(30) ... ele aí resistiu [SV disse [F que [DD “não você tem que aprender comigo...”]]] (f. 21)

Nesta frase, para além do uso do complementador *que*, não se aplicou nenhuma outra regra de encaixe, própria de discurso indirecto, relacionada quer com a escolha do pronome pessoal adequado quer com a mudança do tempo verbal. Assim, segundo a norma do PE, no encaixe de discurso indirecto, tomando como exemplo a frase (30), teríamos uma frase como:

(30)' ...ele aí resistiu disse que não, (ele) tinha que aprender com ele...

No exemplo acima procedeu-se à substituição dos pronomes pessoais (*você* vs. *ele* e *comigo* vs. *com ele*) e da forma verbal (*tem* vs. *tinha*).

No POM, a variante [V (OI) + Que + DD] parece advir do processo de interferência da língua materna, neste caso concreto da língua Ronga que é a língua materna da maioria dos nossos informantes. Nesta língua a conjunção *lesvaku*¹⁰ ('que') pode introduzir tanto o discurso directo como o discurso indirecto, como ilustram os exemplos seguintes:

(31) a. Encaixe de DD

Ronga - Ntsongwana avonekile kole alhaya **lesvaku** “mina nilava b’ava”

Trad. Lit. Miúdo apareceu lá disse **que** “eu preciso papá”

‘O miúdo apareceu lá e disse: “eu preciso do papá”.’ (f.60)

b. Encaixe de DI

Ronga - Ntsongwana avonekile kole alhaya **lesvaku** yena alava b’ava.

Trad. Lit. Miúdo apareceu lá disse **que** ele precisa papá

‘O miúdo apareceu lá e disse que ele precisa do papá.’

Ao nível da variável “encaixe de discurso indirecto” (cf. (28)), as duas variantes apresentam as seguintes particularidades: *luneros*.

(i) [V (OI) + Que + DI]

Na variante acima, para além do uso do verbo *dizer*, com e sem OI realizado lexicalmente, é usado o complementador *que*, seguido pelo discurso indirecto.

Esta variante está em conformidade com a norma do PE visto que o complementador *que* exige o encaixe de discurso indirecto, como ilustra o exemplo seguinte:

(32) ...quando chegou [_{SV} disse [_F **que** [_{DI} **aquele dinheiro não era dele...**]]]

(f.124)

(ii) [V + Ø + DI]

Nesta variante, o discurso indirecto não é introduzido pelo complementador *que*.

Esta variante não está em conformidade com a norma do PE pelo facto de não possuir o complementador *que*, como ilustra o exemplo seguinte:

(33) ...quando comecei a trabalhar posso [_{SV} **dizer** [_{DI} **andei tanto fui ao norte...**]]]

(f.294)

¹⁰ Esta conjunção também é usada na língua Changana.

Em função dos dados do nosso *corpus*, podemos afirmar que esta variante apresenta o verbo da frase superior preferencialmente “auxiliado” pelo verbo modal *poder* e o verbo da frase encaixada encontra-se basicamente no modo indicativo.

2.1.3. Resultados da Análise Linguística

A análise linguística permitiu-nos verificar que ao nível da variável “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*”: *pergunta*:

- (i) apenas a variante [V (OI) + Que + F] está de acordo com a norma do PE;
- (ii) as variantes [V+De+Que+ $\left\{ \begin{array}{l} F/DI \\ DD \end{array} \right\}$] são inexistentes no PE pelo facto de a oração completiva F, ou o DI, ou o DD serem subcategorizados pela preposição *de* e não pelo verbo da frase superior;
- (iii) as variantes [V + De + Que + DD/DI], surgem devido ao cruzamento das duas variáveis analisadas neste estudo.

Por outro lado, a nível da variável “encaixe de discurso directo/indirecto” a análise linguística permitiu-nos verificar que: *pergunta*

- (i) apenas as variantes [V (OI) + DD] e [V (OI) + Que + DI] estão de acordo com a norma do PE;
- (ii) a variante [V (OI) + Que + DD] é inexistente no PE e parece resultar de um processo de interferência da língua materna, onde a conjunção *lesvaku* (‘que’) introduz tanto o discurso directo como o indirecto.

Por último, ao nível das duas variáveis, as variantes [V + Ø + F/DI] são estranhas ao PE pelo facto de que, quer a oração completiva quer o discurso indirecto, não são introduzidos pelo complementador *que*.

2.2. Análise Sociolinguística

no capítulo I

No capítulo I, apresentámos como hipótese de investigação que no POM a frequência de um nível de escolaridade E1 e o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa é a causa da produção de diferentes variantes linguísticas não-padrão estranhas ao PE. Assim, nesta secção, procuraremos verificar se as diferentes variantes linguísticas não-padrão encontradas no nosso *corpus* do POM estão relacionadas com a frequência de um nível de escolaridade E1 e o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa.

2.2.1. Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre as “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*”

(i) Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o uso das variantes padrão

De uma forma geral, a variante padrão [V (OI) + Que + F] foi produzida quer por informantes do nível E1 quer por informantes do nível E2. Entretanto, maior destaque vai para os informantes do nível E2 que tiveram maiores percentagens tanto a nível de informantes como a nível do número de frases produzidas, como ilustra a tabela seguinte: *ad. v. c. - 1)*

TABELA IX

Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão na produção da variante padrão

Variante		Nível de Escolaridade				Total
		E1		E2		
		Infor.	Frase	Infor.	Frase	
Padrão (PE)	[V (OI) + Que + F]	(6/16) 37.5%	(22/84) 26.2%	(10/16) 62.5%	(62/84) 73.8%	100%

A tabela IX mostra que a nível das “propriedades de subcategorização do verbo *dizer*”, a variante padrão é menos usada por informantes do nível E1, visto que apenas 37.5% deste informantes fazem o uso dessa variante contra 62.5% do nível E2. Acrescido a esse facto, os informantes do nível E1 produzem somente 26.2% de frases contra 73.8% produzidas por informantes do nível E2.

(ii) **Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o uso das variantes não-padrão**

As variantes não-padrão foram produzidas exclusivamente por informantes do nível E2, como ilustra a tabela seguinte:) *advancing* /

TABELA X

Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão na produção das variantes não-padrão

Variante		Nível de Escolaridade				Total
		E1		E2		
		Infor.	Frases	Infor.	Frases	
Não-padrão (POM)	[V + De + Que + F/DI]	-	-	(1/1) 100%	(5/5) 100%	100%
	[V + De + Que + DD]	-	-	(2/2) 100%	(4/4) 100%	100%
	[V + Ø + F]	-	-	(2/2) 100%	(4/4) 100%	100%

Em função dos resultados apresentados nas tabelas IX e X, podemos postular que quanto menor for o nível de escolaridade (E1) e o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa, menor será o uso das propriedades de subcategorização não-padrão do verbo *dizer*. Isto significa que é no nível E2 que se encontram informantes “inovadores” visto que produzem variantes não-padrão estranhas ao PE, caracterizadas pela inserção da preposição *de* diante de orações completivas ou

encaixe de DD/DI. É interessante assinalar que este mesmo fenómeno ocorre no PB, tendo sido denominado Dequeísmo e, de acordo com Mollica (1995), os Dequeísmos são produzidos predominantemente por indivíduos mais escolarizados.

2.2.2. Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o “encaixe de discurso directo/indirecto”

(i) Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o uso das variantes padrão

De uma forma geral, as variantes padrão [V (OI) + DD] e [V (OI) + Que + DI] foram produzidas quer por informantes do nível E1 quer por informantes do nível E2. Entretanto, ao nível de encaixe de discurso directo (DD), embora se verifique uma igualdade percentual a nível dos informantes, 50% para cada nível, os informantes do nível E1 evidenciam-se mais pois produziram 62% de frases contra 38% do nível E2. Porém, ao nível de encaixe de discurso indirecto (DI), os informantes do nível E1 apresentam percentagens baixas quer ao nível de informantes (37.5% contra 62.5% do nível E2), quer ao nível de frases produzidas (26.2% contra 73.8% do nível E2). Veja-se a tabela seguinte:) *adv. alij*

TABELA XI

Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão na produção das variantes padrão

Variante		Nível de Escolaridade				Total
		E1		E2		
		Infor.	Frases	Infor.	Frases	
Padrão (PE)	[V (OI) + DD]	(10/20) 50%	(60/97) 62%	(10/20) 50%	(37/97) 38%	100%
	[V (OI) + Que + DI]	(6/16) 37.5%	(22/84) 26.2%	(10/16) 62.5%	(62/84) 73.8%	100%

(ii) **Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão sobre o uso das variantes não-padrão**

De uma forma geral, as variantes não-padrão são maioritariamente produzidas por informantes do nível E1, como se pode verificar a partir da tabela seguinte: *Jadva any*

TABELA XII

Influência das variáveis sociais escolaridade/profissão na produção das variantes não-padrão

Variante		Nível de Escolaridade				Total
		E1		E2		
		Infor.	Frase	Infor.	Frase	
Não-padrão (POM)	[V (OI) + Que +DD]	(9/17) 53%	(77/100) 77%	(8/17) 47%	(23/100) 23%	100%
	[V + Ø + DI]	(1/1) 100%	(1/1) 100%	-	-	100%

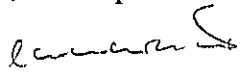
A tabela XII mostra que as variantes não-padrão são mais produzidas por informantes do nível E1, visto que ao nível do encaixe de discurso directo (DD) apresentam 53% de informantes (contra 47% do nível E2) e sobretudo porque produzem 77% de frases contra 23% do nível E2. Por outro lado, a nível de encaixe de discurso indirecto (DI) apenas um informante do nível E1, o equivalente a 100%, produz a variante não-padrão.

Desta forma, podemos afirmar que é no nível E1 que se encontram os informantes "inovadores" visto que produzem com maior frequência as variantes não-padrão estranhas ao PE, caracterizadas pelo uso do complementador *que* precedendo o discurso directo (DD) e ausência do complementador *que* na introdução de discurso indirecto (DI).

2.3. Resultados da Análise de Dados

A análise de dados, mais concretamente a análise sociolinguística, permitiu-nos constatar que as variáveis sociais escolaridade/profissão desempenham um papel preponderante no POM a nível do uso das variáveis linguísticas "propriedades de subcategorização do verbo *dizer*" e "encaixe de discurso directo/indirecto".

Os informantes de ambos níveis de escolarização, E1 e E2, fazem o uso tanto das formas padrão como das formas não-padrão relacionadas com as duas variáveis em estudo. Porém existem algumas particularidades quanto à produção das variantes não-padrão, que merecem ser aqui comentadas. Assim, no que se refere à variável "propriedades de subcategorização do verbo *dizer*", verifica-se que apenas os informantes do nível E2 são os que fazem o uso das variantes não-padrão, caracterizadas basicamente pela inserção da preposição *de* diante de orações completivas ou discurso directo/indirecto. Este aspecto vem refutar a nossa hipótese de investigação segundo a qual "a frequência de um nível de escolaridade E1 e o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa é a causa da produção de diferentes variantes linguísticas não-padrão estranhas ao PE". Quanto à variável "encaixe de discurso directo/indirecto", os informantes do nível E1 destacam-se mais relativamente aos informantes do nível E2, visto que produzem com maior frequência as variantes não-padrão, caracterizadas pelo uso do complementador *que* precedendo o discurso directo (DD) e ausência do complementador *que* na introdução de discurso indirecto (DI). Este facto está de acordo com a nossa hipótese de investigação.

Assim, como prováveis causas destes resultados podemos levantar as seguintes hipóteses: 

- (i) a ocorrência apenas nos informantes do nível E2, apesar do reduzido índice (apenas 9 casos), da variante não-padrão caracterizada pela inserção da preposição *de* diante de orações completivas ou discurso directo/índirecto parece motivada pelo processo de sobregeneralização da estrutura das chamadas completivas preposicionais do PE. Este facto pode estar relacionado com o nível de escolaridade que lhes dá mais contacto com a norma europeia;
- (ii) a ocorrência, maioritariamente nos informantes do nível E1, da variante não-padrão caracterizada pelo uso do complementador *que* precedendo o discurso directo parece motivada pelo processo de interferência da língua materna, visto que na língua Ronga a conjunção *lesvaku* ('que') introduz tanto o discurso directo como o discurso indirecto. Este facto encontra também sustentação a nível da variável social local de residência pois 90% dos informantes do nível E1 são residentes da zona suburbana onde o uso da língua portuguesa apresenta índices muito reduzidos em detrimento das línguas bantu que constituem a L1 da maioria dos nossos informantes. Isto significa que quando os informantes têm um nível de escolaridade Baixo, a “interferência da língua materna” e o “local de residência” são factores dominantes para a ocorrência das variantes não-padrão.

Capítulo V – Conclusões e Recomendações

Resumo

O objectivo deste capítulo é de fazer um balanço geral do estudo realizado.

Assim, na secção 1., apresentamos as conclusões sobre o estudo da variação linguística do POM e na secção 2., apresentamos algumas recomendações para futuros estudos deste género.



CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

1. Conclusões

Através do presente trabalho que tomou como base duas variáveis linguísticas, nomeadamente "propriedades de subcategorização do verbo *dizer*" e "encaixe de discurso directo/indirecto" e duas variáveis sociais, nomeadamente escolaridade/profissão, esperamos ter conseguido demonstrar que no POM, as duas variáveis sociais acima são motivadoras das variações em relação à norma do Português Europeu (PE).

O trabalho teve como base um *corpus* oral produzido por 20 informantes repartidos em dois níveis de escolaridade, isto é, 10 informantes tinham o nível E1 e desempenhavam actividades profissionais consideradas Baixas e os restantes 10 informantes tinham o nível E2 e desempenhavam actividades profissionais consideradas Médias.

Relacionando a variável social nível de escolaridade com a variável social local de residência dos nossos informantes, constatámos que 90% dos informantes do nível E1 residiam na zona suburbana, enquanto que 70% dos informantes do nível E2 residiam na zona urbana.

O *corpus* oral produzido pelos informantes acima especificados é constituído por 295 frases. Através a análise preliminar feita as tais frases constatámos que no POM existe uma alternância entre frases que estão de acordo com a norma do PE e frases que são inexistentes nesta mesma língua. Esta constatação levou-nos à formulação da nossa hipótese de investigação, segundo a qual "a frequência de um nível de escolaridade E1 e

o conseqüente desempenho de uma actividade profissional considerada Baixa é a causa da produção de diferentes variantes linguísticas não-padrão estranhas ao PE".

Tendo em vista a validação da nossa hipótese, efectuámos a análise dos nossos dados empíricos de acordo com duas perspectivas.

Em primeiro lugar, realizámos uma descrição e posterior tratamento linguístico dos dados respeitantes às variáveis "propriedades de subcategorização do verbo *dizer*" e "encaixe de discurso directo/indirecto", à luz das regras estipuladas no âmbito da linguística descritiva do Português.

Em seguida, realizámos uma descrição e posterior análise sociolinguística dos dados através da correlação das duas variáveis linguísticas apresentadas acima com as variáveis sociais escolaridade/profissão, com vista à validação da nossa hipótese de investigação. Da correlação efectuada, constatámos que tanto os informantes do nível E1 como os do nível E2 faziam o uso das variantes padrão e não-padrão. Isto é, do total de 61.4% correspondente às frases padrão, 27.8% foram produzidas por informantes do nível E1 e 33.6% foram produzidas por informantes do nível E2 e, por outro lado, do total de 38.6% correspondentes às frases não-padrão, 26.4% foram produzidas por informantes do nível E1 e 12.2% foram produzidas por informantes do nível E2. Porém, de uma forma particular, o uso das variantes consideradas não-padrão apresentou as seguintes características. A nível da variável "propriedades de subcategorização do verbo *dizer*", apenas os informantes do nível E2 fazem o uso das variantes não-padrão caracterizadas pela inserção da preposição *de* diante de orações completivas ou discurso directo/indirecto. Este aspecto invalida a nossa hipótese de investigação. A nível da variável "encaixe de discurso directo/indirecto", os informantes do nível E1 destacam-se

mais relativamente aos do nível E2 na produção destas variantes caracterizadas pelo uso do complementador *que* precedendo o discurso directo (DD) e ausência do complementador *que* na introdução de discurso indirecto (DI). Este aspecto está em conformidade com a nossa hipótese de investigação.

Assim, tendo em conta que uma das regras do método científico é o preceito de que as hipóteses de investigação devem ser aprovadas ou refutadas mediante a prova da experiência e estabelecer novas hipóteses, casos não se tenham provado as anteriores, derivadas da combinação das ideias já existentes, procuraremos em conformidade com as nossas conclusões apresentar duas hipóteses que poderão estar por detrás destes factos. Desta forma, o destaque apenas dos informantes do nível E2 na produção da variante não-padrão caracterizada pela inserção da preposição *de* diante de orações completivas ou discurso directo/indirecto respeitante a variável “propriedades de subcategorização verbal” parece estar ligada ao nível de escolaridade, que lhes dá mais contacto com a norma europeia do Português pois, neste nível os informantes fazem a sobregeneralização da estrutura das chamadas completivas preposicionais do PE. Por outro lado, o destaque dos informantes do nível E1 na produção da variante não-padrão caracterizada pelo uso do complementador *que* precedendo o discurso directo respeitante à variável “encaixe de discurso directo/indirecto” parece estar ligada à “interferência da L1” e ao “local de residência” pois estes factores mostram-se dominantes quando os falantes possuem um nível de escolaridade Baixo (E1).

2. Recomendações

Julgamos pertinente que se desenvolvam mais pesquisas deste género tomando como base outras variáveis sociais, por forma a verificar a influência que elas podem desencadear na variação linguística do POM. Por outro lado, propomos que se faça uma pesquisa de carácter contrastivo tendo em conta o factor “interferência da L1” associado ao factor “local de residência” por forma a verificar o seu papel na variação linguística do POM.

Por último, tendo em conta que existem dois tipos de *corpora* oral e escrito, também julgamos pertinente que futuras pesquisas do género fossem efectuadas na base de um *corpus* escrito, pois estamos convictos que o discurso escrito poderá apresentar uma tendência diferente do discurso oral. Este aspecto por sua vez permitiria a realização de um trabalho de carácter contrastivo a nível dos dois tipos de *corpora*.

ANEXO 1

CORPUS - Complementos oracionais seleccionados pelo verbo *dizer*

A. Variante V (OI) + Que + DD

- 1 ... eu vou **dizer que** "oh pá eu gostaria realmente de voltar para o tempo passado..."
JOA1
(=...dizer: "oh pá eu gostaria..."/...dizer que DI)
- 2 ... sabe **dizer que** "você já passou teu tempo..." CAC1
(=...dizer: "você já passou..."/...dizer que DI)
- 3 ...basta menina **dizer que** "sim vamo-la..." CAC1
(=... dizer: "sim vamos..."/...dizer que DI)
- 4 ... quando o pai e a mãe **dizer que** "meu filho quando namorar com aquele jovem..."
CAC1
(=...dizer: "meu filho quando namorar..."/... dizer que DI)
- 5 ... basta ele **dizer que** "sim" CAC1
(=... dizer: "sim"/...dizer que DI)
- 6 ... ele fala ele vai **dizer que** "sim conhece..." CAC1
(=...dizer: "sim conhece"/... dizer que DI)
- 7 ... (ela) **dizer que** "sim aceitei agora pronto..." CAC1
(=...dizer: "aceitei ..."/...dizer que DI)
- 8 ... não vai mesmo **dizer que** "eu vou!" LUH1
(=...dizer: "eu vou"/...dizer que DI)
- 9 ... não pode **dizer que** "é a escola que está ensinar pra ser mal criada não!" LUH1
(=... dizer: "é a escola..."/...dizer que DI)
- 10 ...é esse de marginal que está a **dizer que** "tem ninja tem ninja..." LUH1
(=...dizer: "há ninja..."/...dizer que DI)
- 11 (ele) **disse que** "não, a gente já esta hora não pode chegar..." LUH1
(=... disse: "não, a gente..."/...disse que DI)
- 12 ...foi lá ver esses pessoas porque **disse que** "ah tem pessoas há e tem homens e senhoras..." LUH1
(=...disse: "ah! Tem pessoas, há homens..."/...disse que DI)
- 13 ...a menina **disse que** "sim conhece" LUH1
(=... disse: "sim, conhece"/...disse que DI)
- 14 ... a menina **disse que** "sim! Leva" LUH1
(=...disse: "sim, leva"/...disse que DI)
- 15 ... estou a **dizer que** "eu não gosta esse/essas meninas..." LUH1
(=... dizer: "não gosto..."/...dizer que DI)
- 16 ...aquela gente **disse que** "morreram sim bateram esse carro..." LUH1
(=...disse: "sim, morreram..."/ ...disse que DI)
- 17 ... **disse que** "nunca fui casado, não é..." IBR1
(=...disse: "nunca fui casado..."/...disse que DI)
- 18 ... posso **dizer que** "tenho trabalho bem para eles..." IBR1
(=...dizer: "tenho trabalho..."/...dizer que DI)
- 19 ... eles que me vem **dizer que** "eh pá ouvimos que na mafalala..." IBR1
(=...dizer: "ouvimos que na mafalala..."/... dizer que DI)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bitti, Pio & Zani, Bruma
1997. *A comunicação como processo social*. 2ª edição, Lisboa: Editorial Estampa.
- Casteleiro, João
1981. *Sintaxe transformacional do adjetivo – regência de construções completivas*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Chimbutane, Feliciano
1995. *A estratégia do pronome resumptivo na formação de orações relativas de objecto directo e de obliquo do Português de Maputo*. Tese de Licenciatura. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras (não publicado).
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley
1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Duarte, Maria
1989. Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. In Tarallo, F. (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, pp. 19 – 34.
- Ferreira, Manuela; Carrilho, Ernestina; Lobo, Maria; Saramago, João; Cruz, Luísa
1996. Variação Linguística: perspectiva dialectológica. In Faria, Isabel; Pedro, Emília; Duarte, Inês; Gouveia, Carlos (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 479 – 502.
- Firmino, Gregório
1994. *A problemática da diversidade linguística face à democratização de Moçambique* (comunicação apresentada num seminário sobre “Comunicação Social e Democracia” organizado pela Organização Nacional de Jornalistas, em coordenação com a Federação Internacional de Jornalistas, Maputo, de 8 a 10/09/94). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Letras Modernas.
2002. *A “Questão Linguística” na África Colonial: o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: PROMÉDIA.
- Gal, Susan
1979. *Language Shift: the social determinants of linguistic change in bilingual Australia*. New York: Academic Press.
- Garmadi, Juliette
1983. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Gonçalves, Perpétua

1996a. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane – Faculdade de Letras/Livraria Universitária.

1996b. Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In Faria, Isabel; Pedro, Emília; Duarte, Inês; Gouveia, Carlos (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 313 – 322.

1997. Metodologia de Recolha de Dados. In Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. Maputo: INDE, pp. 49 – 73.

1998. Introdução. In Gonçalves, Perpétua (org.). *Mudanças do Português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane/Livraria Universitária, pp. 1 – 13.

2001. Panorama geral do Português de Moçambique. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 79, pp. 976 – 988.

Gonçalves, Perpétua & Maciel, Carla

1998. Estruturas de Subordinação na Aquisição do Português/Língua Segunda. In Gonçalves, Perpétua (org.). *Mudanças do Português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane/Livraria Universitária, pp. 15 – 56.

Gonçalves, Perpétua; Louzada, Nilson; Ngungá, Armindo

1986. *O Português em Moçambique. Análise de Erros em construções de subordinação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras (Não publicado).

Gonçalves, Perpétua; Moreno, Albertina; Tuzine, António; Diniz, Maria; Mendonça, Marisa

1998. Orações integrantes. In Gonçalves, Perpétua & Stroud, Christopher (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume III – Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios*. Maputo: INDE, pp. 89 – 97.

Gonçalves, Perpétua & Stroud, Christopher

1998. *Panorama do Português oral de Maputo – Volume III – Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios*. Maputo: INDE.

Hudson, R.

1980. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Issak, Aíssa

1998. Estruturas de Complementação Verbal do Português em Moçambique. In Gonçalves, Perpétua (org.). *Mudanças do Português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Imprensa Universitária, pp. 67 – 110.

- Labov, William
1994. *Principles of Linguistic Change – internal factors*. Blackwell Publishers, Oxford UK & Cambridge U.S.A.
- Macedo, Alzira
1994. Linguagem e contexto. In Macedo, Alzira; Naro, Anthony; Souza, Cláudia; Silva, Gizelle; Mollica, Maria; Braga, Maria; Scherre, Maria; Omena, Nelize; Votre, Sebastião; Silva, Vera (orgs.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Brasil: UFRJ, pp. 89 – 95.
- Marcellesi, J. & Gardin, B.
1974. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Editorial Aster.
- Marinis, Hélène
1983. *Teoria e Aplicação: um caso de análise de erros de Português* (ms). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Letras Modernas.
- Mollica, Maria
1995. *(De) Que Falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ.
- Moreno, Albertina & Tuzine, António
1997. Distribuição social de variáveis linguísticas no Português Oral de Maputo. In Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume II – A construção de um banco de “Erros”*. Maputo: INDE, pp. 71 – 91.
- Naro, Anthony
1992. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In Mollica, Maria (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Brasil: UFRJ, pp. 17 – 25.
- Omena, Nelize
1996. As influências sociais na variação entre Nós e A Gente na função de sujeito. In Silva, Giselle & Scherre, Maria (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenómenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, pp. 311 – 323.
- Preti, Dino
1977. *Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 3ª edição, São Paulo: Editora Nacional.
- Radford, A.
1988. *Transformational Grammar – A First Course*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Raposo, Eduardo
1992. *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editora Caminho.
- Scherre, Maria
1996. Pressupostos Teóricos e Suporte Quantitativo. In Silva, Giselle & Scherre, Maria (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, pp. 37 – 50.
- Silva, Giselle
1992. Coleta de Dados. In Mollica, Maria (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Brasil: UFRJ, pp. 101 – 114.
1996. Variáveis Sociais e Perfil do Corpus Censo. In Silva, Giselle & Scherre, Maria (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, pp. 51 – 81.
- Silva, João
1991. Interferência e Variante Linguística. Algumas considerações sociolinguísticas sobre o Português falado em Moçambique. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 5/6, pp. 101 – 105.
- Sitoe, Bento & Ngunga, Armindo
2000. *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Universidade Eduardo Mondlane.
- Spolsky, Bernard
1998. *Sociolinguistics*. London: Oxford University Press.
- Stroud, Christopher
1997. O Corpus: Antecedentes, Quadro Teórico e Aspirações Práticas. In Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. Maputo: INDE, pp. 11 – 45.
- Tarallo, F.
1997. *A Pesquisa Sociolinguística*. 5ª edição, São Paulo: Editora Ática.
- Tuzine, António
1997. O Papel da Rede Social na Variação e Mudança Linguística. In Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. Maputo: INDE, pp. 75 – 100.

Wardhaugh, Ronald

1992. *An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford UK & Cambridge USA:
Blackwell.

- 20 ... eu disse que “**não não quero nada...**” IBR1
(=...disse: “não, não quero nada...”/... disse que DI)
- 21 ... ele aí resistiu **disse que “não você tem que aprender comigo...** “ IBR1
(=...disse: “não, você...”/...disse que DI)
- 22 ... eu disse que “**bom eu não quero nada...**” IBR1
(=... disse: “bom, eu não quero...”/... disse que DI)
- 23 ... ele **disse que “isto é preciso organizar...**” IBR1
(=... disse: “isto é preciso...”/...disse que DI)
- 24 ... o professor a **dizer que “este miúdo foi mal aproveitado tem proveito”** IBR1
(=... a dizer: “este miúdo foi...”/...a dizer que DI)
- 25 ... quando o marido **diz que “olha minha mulher eu não quero que tu passas a fazer isto...**” IBR1
(=...diz: “olha minha mulher eu não quero...”/... diz que DI)
- 26 ...basta ela **dizer que “ah aqui estou a perder meu rico tempo pra nada”** IBR1
(=...dizer: “ah aqui estou ...”/... dizer que DI)
- 27 ... você é só **dizer que “ah não espera...”** IBR1
(=...dizer: “ah não espera...”/... dizer que DI)
- 28 ...isso que **dizem que “aqui vocês dizem que é lobolo...”** IBR1
(=... dizem: “aqui vocês ...”/...dizem que DI)
- 29 ...não é obrigatório uma pessoa **dizer que “eh pá vocês vai tirar cinquenta contos...”**
IBR1
(=...dizer: “eh pá vocês...”/...dizer que DI)
- 30 ... posso **dizer que “bom eu a minha vida toda é de eu sempre vivi com a minha tia...”**
IBR1
(=...dizer: “bom, eu ...”/...dizer que DI)
- 31 ... meus amigos **dizem que “olha lá...”** IBR1
(=... dizem: “olha lá...”/...dizem que DI)
- 32 ... lá na escola **diz que “ajuda lá em casa...”** MAM1
(=... diz: “ajuda lá...”/...diz que DI)
- 33 ... até agora **diz que “até ele gasta muito dinheiro...”** MAM1
(=...diz: “até ele ...”/...diz que DI)
- 34 ... basta falar/ falar depois eu ficar calado **diz que “então mamã maria ajuda-lá...”**
MAM1
(=... diz: “então mamã maria...”/... diz que DI)
- 35 ... não vai dar comida só **dizia que “há-de/não vem com comida...”** MAM1
(=... dizia: “há-de...”/... dizia que DI)
- 36 ... agora **diz que “são três conto...”** MAM1
(=...diz: “são três contos...”/... diz que DI)
- 37 ... voltou aquele padre (...) **diz que “estes que já não são velho pode mudar...”** MAM1
(=... diz: “estes que já...”/...diz que DI)
- 38 ... esse que não sabe **diz que “ah aquele gente que não quer andar”** MAM1
(=... diz: “ah aquela gente...”/... diz que DI)
- 39 ... doctor bugalho (...) até chamar a minha mãe **diz que “esta criança tem doença que não pode andar nos falecimentos...”** MAM1
(=...diz: “esta criança...”/... diz que DI)

- 40 ... eu gosto dele **dizer que “não fala comigo vai falar com os pais”** MAM1
(=... dizer: “não fala comigo...”/...dizer que DI)
- 41 ... o velho **dizer que “vai abrir porta tem alguém ali no portão!”** MAM1
(=...dizer: “vai abrir...”/... dizer que DI)
- 42 ... vocês **dizer que “muito obrigado deus está comigo”** MAM1
(=...dizer: “muito obrigado...”/...dizer que DI)
- 43 ...o teu marido quando acordar de manhã **dizer que “bom dia! porquê esta cara assim?”**
MAM1
(=... dizer: “bom dia!...”/...dizer que DI)
- 44 ... (ele) **diz que “deixa! você vai trabalhar... “** MAM1
(=... diz: “deixa...”/...diz que DI)
- 45 ... sim falou/ **disse que “sim foi mandado para vir dizer essas coisa...”** MAM1
(=... disse: “sim foi mandado...”/...disse que DI)
- 46 ... chegaram por exemplo na escola tinham que meter coisas da igreja **dizer que “bem se
você faz mal a alguém é porque há-de ser condenado pelo Deus...”** PAU2
(=... dizer: “bem, se você...”/...dizer que DI)
- 47 ... as pessoas não se entendem daí que **dizem que “ah ultimamente não há respeito...”**
PAU2
(=...dizem: “ah ultimamente...”/...dizem que DI)
- 48 ... segundo o poema do/do/ do mutimati barnabé **diz que “você him? surge et ambula”**
PAU2
(=... diz: “você, surge et ambula”/...diz que DI)
- 49 ...animais bem satisfazem posso **dizer que “até os animais fazem o acasalamento...”**
PAU2
(=...dizer: “até os animais...”/...dizer que DI)
- 50 ... eu era capaz de **dizer que “hoje nas escolas não se ensina nada”** IJA2
(=...dizer: “hoje nas escolas...”/...dizer que DI)
- 51 ... a lei **diz que “ah a mãe tem mais direito”** IJA2
(=...diz: “a mãe tem...”/...diz que DI)
- 52 ... ela **diz que “o miúdo anda malandro”** ELA2
(=...diz: “o miúdo anda...”/...diz que DI)
- 53 ...eu **digo que “é imoral comprar um exame...”** ELA2
(=...digo: “é imoral...”/...digo que DI)
- 54 ...hoje os homens são/não sei/ **dizem que “os homens de hoje são outra coisa...”** ELA2
(=...dizem: “os homens de hoje...”/...dizem que DI)
- 55 ... você vai entrar em contacto com os pais da noiva apresentar-se **dizer que “eu gostaria
de namorar com a menina...”** ACA2
(=...dizer: “gostaria de namorar...”/...dizer que DI)
- 56 ... daí **dizem que “havemos de esperar para vermos...”** ACA2
(=...dizem: “havemos de esperar...”/...dizem que DI)
- 57 ...olha falando de actualidade quero **dizer que “é ultimamente a juventude tem muitos
vícios...”** ERN2
(=...dizer: “ultimamente a juventude...”/...dizer que DI)
- 58 ... vou a caminho de me sentir um pouco realizado mas por enquanto não **digo que
“estou”** ERN2
(=...digo: “estou”/...digo que DI)

- 59 ...outra é aquela que **diz que “não se deve fazer mal a outras pessoas”** ERN2
(=...diz: “não se deve...”/...diz que DI)
- 60 ... o miúdo apareceu lá ...e **disse que “eu preciso do papá”** IDA2
(=...disse: “eu preciso...”/...disse que DI)
- 61 ...às vezes **dizem que “vale a pena ser mulher...”** IDA2
(=...dizem: “vale a pena...”/...dizem que DI)
- 62 ... **diz-se que “para amar não é preciso receita”** IDA2
(=...diz-se: “para amar...”/...diz-se que DI)
- 63 ...eu oiço **dizer que “o amor não acaba”** IDA2
(=...dizer: “o amor...”/...dizer que DI)
- 64 ... não vou **dizer que “é necessário aumentar o número talvez de transportes...”**
LAB2
(=...dizer: “é necessário aumentar...”/...dizer que DI)
- 65 ... ele a escrever a **dizer que “estou a fazer isto para sustentar os meus estudos...”**
LAB2
(=...dizer: “estou a fazer isto...”/...dizer que DI)
- 66 ... os pais falam ...por exemplo **dizem que “minha filha não podes namorar...”** LUR2
(=...dizem: “minha filha...”/...dizem que DI)
- 67 ...a minha mulher **diz que “ não vamos comprar um fato”** ARF1
(=...diz: “não, vamos comprar...”/...diz que DI)
- 68 ...pode eu **dizer que “este fulano é do gosto...”** ARF1
(=...dizer: “este fulano...”/...dizer que DI)
- 69 ... levou as criança tudo para lá no dimistração (na administração) **disse que “agora uma
pessoa tem que ser endicar (indicar) o nome dele...”** ALB1
(=...disse: “agora cada pessoa...”/...disse que DI)
- 70 ... quando vovô **dizer que “não vai com/ naquele caminho vai deste caminho...”** ALB1
(=... dizer: “não vai daquele caminho...”/...dizer que DI)
- 71 ...eu **disse que “não pode ir quando ir morrer há-de morrer...”** ALB1
(=... disse: “não pode ir...”/...disse que DI)
- 72 ... eu posso **dizer que “não já não estou trabalhar...”** MAT1
(=...dizer: “não, já não estou...”/...dizer que DI)
- 73 ...podemos **dizer que “como quê é nosso tradição”** MAT1
(=...dizer: “como o quê...”/...dizer que DI)
- 74 ...não havia nenhuma diferença **dizer que “este aqui é rapaz...”** ZAF1
(=...dizer: “este aqui...”/...dizer que DI)
- 75 ...como educam os filhos não separam **dizer que “este aqui é rapaz...”** ZAF1
(=...dizer: “este aqui...”/...dizer que DI)
- 76 ...vieram começar **disseram que “isso são espíritos”** ZAF1
(=...disseram: “isso...”/...disseram que DI)
- 77 ... ela começou a **dizer “ah essa aí talvez tem espíritos de cá”** ZAF1
(=...dizer: “ah essa aí...”/...dizer que DI)
- 78 ... a minha tia **disse que “não”** ZAF1
(=... disse: “não”/...disse que DI)
- 79 ... os espíritos **dizem que “vêm da família, não é?”** ZAF1
(=... dizem: “vem da família...”/... dizem que DI)
- 80 ...(os espíritos) **dizem que “sou fulano fulano...”** ZAF1

- (=... dizem: "sou fulano..."/... dizem que DI)
- 81 ... eu fazia o trabalho deles aí hum até **diziam** que "esta aqui se for para o mato ah pode ir ser médico lá" ZAF1
(=... diziam: "esta aqui..."/...diziam que DI)
- 82 ... também doente mudou é por isso **digo** que "é o tempo, não é?" ZAF1
(=... digo: "é o tempo..."/... digo que DI)
- 83 ... eu vou **dizer** isso que "é tempo dele..." ZAF1
(=...dizer: isso "é seu tempo..."/...dizer que DI)
- 84 ... até nós teimávamos **dizer** que "ah onde é que viram as pessoas mudarem? como é que mudam?" ZAF1
(=... dizer: "ah onde é que viram..."/...dizer que DI)
- 85 ... não temos nada a **dizer** que "ah vocês podem fazer isso..." ZAF1
(=...dizer: "ah vocês podem fazer isso.."/...dizer que DI)
- 86 ...eu não posso **dizer** que "essa pessoa é uma pessoa educada") ZAF1
(=...dizer: "essa pessoa..."/...dizer que DI)
- 87 ... na escola **dizíamos** que "ah isto aqui é mentira..." ZAF1
(=...dizíamos: "ah isto aqui..."/...dizíamos que DI)
- 88 ... eu próprio **dizia** que "ah isto que estão a dizer aqui é mentira" ZAF1
(=...dizia: "ah isto que estão a dizer aqui..."/...dizia que DI)
- 89 ... eu **disse** que "ah essa coisa estão a mentir o quê?" ZAF1
(=...disse: "ah essa coisa..."/...disse que DI)
- 90 ... eu **dizia** que " ah isso é mentira" ZAF1
(=... dizia: "ah isso..."/...dizia que DI)
- 91 ... eu vou **dizer** que "estes ainda quando digo uma coisa..." ZAF1
(=...dizer: "estes ainda..."/...dizer que DI)
- 92 ... vou **dizer** que "isto não quero..." ZAF1
(=...dizer: "isto não quero..."/...dizer que DI)
- 93 ... quando eu **digo** que "isto não é bom, uma pessoa não pode andar assim..." ZAF1
(=... digo: "isto não é bom..."/... digo que DI)
- 94 ... a pessoa fala comigo em casa **dizer** que "havemos de vir" ZAF1
(=... dizer: "havemos de vir"/... dizer que DI)
- 95 ... criancinhas pequenas aquilo aí estão a ver até sabem **dizer** que "aquela aí esta grávida ah!..." ZAF1
(=...dizer: "aquela aí..."/...dizer que DI)
- 96 ... a mãe **diz** ao filho que "olha tu tens que passar" IBR1
(=...diz ao filho: "olha tu tens..."/...diz ao filho que DI)
- 97 ... costume **dizer** até à minha mãe que "veja lá que a senhora não sabe..." ELA2
(=... dizer à minha mãe: "veja lá que a senhora..."/...dizer à minha mãe que DI)
- 98 ... há quem **diz** que "essa coisa de estudar quer dizer parte da/da geração" IDA2
(=... diz: "essa coisa de estudar..."/...diz que DI)
- 99 ... régulo dingane **dizer** que "quer estes crianças todas ..." ALB1
(=...dizer: "quero todas estas crianças..."/...dizer que DI)
- 100 ... essa coisa de televizau (televisão) está **dizer** que "sair coisa sair coisa há sassaricando..." ALB1
(=... dizer: "sai coisa..."/...dizer que DI)

B. Variante V (OI) + Que + F/DI

- 101 ... posso **dizer que nunca fui casado...** IBR1
102 ...ele **disse que era de queimar céu...** MAM1
103 eu não posso **dizer que estava bem educada...** CAC1
104 ... zangar com ele e depois **dizer que (esta) eu devia passar a terceira classe...** CAC1
105 eu **disse que um dia o teu filho quando ele passava...** CAC1
106 ...posso **dizer que foi uma viagem de aventura...** KUT2
107 ... aquele sítio **disseram que fora, lá vai-se de autocarro** KUT2
108 ... eu em relação a isso poderia **dizer que tive oportunidade de namorar com uma moça** KUT2
109 ... posso **dizer que em relação ao namoro naquela altura e neste momento existe uma série de de diferenças...** KUT2
110 ... vim para aqui **disseram que aqui na cidade não havia lugar...** SAC2
111 ... eu posso até **dizer que o primeiro par de sapato que era sapatilha nessa altura comprei com meu próprio suor!...** IJA2
112 ... eu não posso neste momento **dizer que os professores nessa altura eram melhores preparados...** IJA2
113 ... eu **disse que aprendi a andar de bicicleta muito cedo...** ELA2
114 ... **diz-se que naquela altura havia mais respeito que agora...** PAU2
115 ... chegou as catorze e **disseram que havia avarias...** ACA2
116 ... levou-me a viver com ela por isso é que eu **disse que comecei a estudar muito tarde...** ACA2
117 ...**dizem que o cão chegou lá muito cansado...** IDA2
118 ... até posso **dizer que antigamente havia os engenheiros que foram formados antigamente...** IDA2
119 ... ele **disse que precisava do papá...** IDA2
120 ... eu não vou **dizer que não tive possibilidades...** IDA2
121 ... eu não **digo que podia de reduzir nem aumentar...** LAB2
122 ...fomos **ditos que devíamos escolher três condições...** LAB2
123 ...eu posso **dizer que gostei mais da minha viagem...** LAB2
124 ... quando chegou **disse que aquele dinheiro não era dele...** LAB2
125 ... posso **dizer que foi quando entrou a frelimo...** LAB2
126 ... (no hospital) **disse que não pode ir para operação...** ALB1
127 ...**dizem que não namoravam...** ZAF1
128 ... até minha mãe **disse que com o meu pai não namorou...** ZAF1
129 ...**dizem que não, não tinham aquela coisa que aqui no sul dizem que é ku kuganguisa** ZAF1
130 ... não pode **dizer que era mal...** MAM1
131 ... não pensa **diz que o governo está a levar muito dinheiro!** MAM1
132 ... bem eu posso **dizer que deviam pelo menos primeiro entenderem...** KUT2
133 ... posso **dizer que me sinto bem ...** SAC2
134 ... esse comandante militar **diz que levava o guarda-costas...** SAC2
135 ... pode **dizer que já não pode namorar...** SAC2
136 ... é por isso é **digo que mudou tanto o ensino.** PAU2

- 137 ... é assim que **digo que o nível do ensino mudou mas é satisfatório.** PAU
- 138 ... os jovens devem andar altas noites com as moças para **dizer que estão a namorar...**
PAU2
- 139 ... no dia seguinte sair um comunicado do apie a **dizer que vai subir as rendas na ordem dos cem por cento...** IJA2
- 140 ...eu não **digo que o estado devia comprar carros em excesso...** IJA2
- 141 ...**diz-se que tem de se reintroduzir nas escolas...** IJA2
- 142 Nem sempre podemos **dizer que é mal educada...** ACA2
- 143 Podemos **dizer que as capacidades da sociedade (...)** estão limitadas... ACA2
- 144 ... certas expressões que **dizia que outros mestre eh... só vêm a criança...** ACA2
- 145 ... os pais e a sociedade em geral **dizem que tem outros dado apoio de educação para os jovens...** ACA2
- 146 ... falando sobre isto eu **digo que é muito difícil ...** ACA2
- 147 Exactamente eu também queria **dizer que há outras razões...** ERN2
- 148 ...**digo que os pais também precisam de ter um comportamento à altura...** ERN2
- 149 ... devo **dizer que na minha família ninguém é médico...** ERN2
- 150 Em qualquer actividade nunca alguém se sente nunca alguém **diz que recebe o suficiente...** ERN2
- 151 ... em certos momentos **dizemos que algumas coisas são difíceis...** ERN2
- 152 ...quero **dizer que as pessoas precisam de/dos chamados professores...** ERN2
- 153 ...a própria sociedade encarrega-se de educar alguém então escola talvez eu **diga que é um elemento que serve para completar...** ERN2
- 154 ...aquela pessoa que não pôs os pés na escola ah admitamos que se **diga que é mal/ que é má educada...** ERN2
- 155 ... bem para esta situação não **diria que funcionam assim mal...** ERN2
- 156 ...não quero **dizer que essa foi uma fase má...** ERN2
- 157 ... só posso aqui **dizer que se eu tivesse seguido essa actividade acho que já teria atingido o ponto mais alto...** ERN2
- 158 ...não devo **dizer que casamento ele existe quando há dinheiro...** ERN2
- 159 ... o custo de vida aqui **diz se que está barato...** IDA2
- 160 ... eu posso comparar **dizendo que no campo é um pouco fácil...** LAB2
- 161 ... eu volto um pouco a **dizer que o lobolo parece-me que a mulher não fica sossegada...** LAB2
- 162 ... podemos **dizer que aquela zona é residencial...** LAB2
- 163 ... posso **dizer que o respeito aos mais velhos não insultar...** LAB2
- 164 ... não **digo que os que não estudaram não são pessoas...** LAB2
- 165 ...eu posso **dizer que a sociedade em si nesse momento preocupa-se um pouco...** LAB2
- 166 ... neste momento posso **dizer que preocupo-me em chegar cedo ao regresso...** LAB2
- 167 Eu posso **dizer que correram muitíssimo mal...** LAB2
- 168 ...não **digo que mudaram tudo...** LAB2
- 169 ... posso **dizer que durante os meus onze anos...** LAB2
- 170 ...ir falar com aquela pai de aquela depois disse que o rapaz só quer menina de aqui...
ALB1
- 171 ... ali também disse que saber aqui em cada (casa) da menina tem uso... ALB1
- 172 ... eu posso **dizer que na minha deslo/deslocação daqui...** MAT1
- 173 ... eu posso **dizer que não há respeito!** MAT1

- 174 ... era preciso ir matricular **dizer que há lugar ou não...** ZAF1
 175 ... outra gente **dizem que apanham no mar...** ZAF1
 176 ...**dizia-se que há-de haver tempo que as pessoas hão-de mudar** ZAF1
 177 ... como é que uma pessoa vai **dizer que aquele é bem educado?** ZAF1
 178 ... estou a **dizer que não é as pessoas que mudaram é o tempo...** ZAF1
 179 ... não posso **dizer que até às dezoito aos dezoito anos já acho que uma pessoa pode namorar...** ZAF1
 180 ...você vê **diz que está a namorar!** ZAF1
 181 ... foi o ministério que **disse ao miúdo que deixasse de estudar para ir à tropa...** IDA2
 182 ... os pais da rapariga **dizem o que é que precisam...** ACA2
 183 ... eh eu **disse que o ensino é satisfatório...** PAU2
 184 ... não vão ter que encomodar o meu pai... **dizerem que querem dinheiro ou querem aquilo.** LUR2

C. Variante V (OI) + DD

- 185 ...que ele me diga: “oh pá não tenho cadernos” JOA1
 186 ... alguém pá trazer te oh pá **dizer: “você junte com esta pessoa”** JOA1
 187 ... o homem pá mais tarde chateia-se e **diz: “oh pá minha senhora eu não gosto de problemas...”** JOA1
 188 ... ela **diz: “não há problema...”** JOA1
 189 O homem **diz: “senhora eu disse para se ir embora...”** JOA1
 190 ... eu **digo: “assim não vale nada”** CAC1
 191 ... quando a mãe **dizer: “é isto”** LUH1
 192 ...quando **dizer: “não vai!”** LUH1
 193 ...quando mamã **dizer: “eh minha filha eu não quer que ir ali...”** LUH1
 194 ...andava ensinar esse patrulha que estou **dizer: “sim as meninas him”** LUH1
 195 ... luta para educar os filhos para ser bem educado não **dizer: “ah filho do fulano”** LUH1
 196 ... está **dizer: “talvez é isso que muita gente no trabalha...”** LUH1
 197 ... está **dizer: “sim é isso”** LUH1
 198 ...a gente vai para lá foi para lá **dizer: “quero ver essa pessoa...”** LUH1
 199 ... quando chegou lá **disse: “eh pensou que a gente é aquele que sucederam ontem...”** LUH1
 200 ... o meu mestre que me ensinou **disse: “eh pá um senhor ele me quer um alfaiate...”** IBR1
 201 ... (eles) **disse: “eh pá gostamos de você...”** IBR1
 202 ... encontrou um alfaiate (...) **disse: “eh pá eu quero-te...”** IBR1
 203 ... meu pai ter comigo e **disse: “meu filho isso deve ser assim...”** IBR1
 204 ... eu **disse: “está bem nem pensar fugir...”** IBR1
 205 ... chegar aqui na porta **diz: “essas coisas que não consegui tudo”** MAM1
 206 ... mesmo chamar **dizer: “miúdo está educar muita gente...”** MAM1
 207 ... só se limita a **dizer: “olha vai à escola...”** KUT2
 208 ... ele **disse: “ah não tinha problema...”** SAC2
 209 ... ela **disse: “essa miúda com essa idade catorze quinze anos trabalhar...”** SAC2
 210 ...expliquei esse problema a ela **disse: “ah já que eles não querem vai as escolas**

- especiais...” SAC2
- 211 ...eu **digo**: “olha pergunto como é que se chama...” SAC2
- 212 ... o meu marido **diz**: “ah já tens medo de homens?” SAC2
- 213 ... ela **diz**: “eu não tenho sorte...” SAC2
- 214 ... quando sai daqui não houve ninguém assim **disse**: “olha agora tu fazer isso...” SAC2
- 215 ...eu **disse**: “bem meu filho não sei se eu tinha catorze ... ou quinze anos “ IJA2
- 216 ...ele volta para mim e **diz**: “então o papá era muito burro” IJA2
- 217 ...lembro-me de um dirigente moçambicano que **disse** a dado passo: “o maior ignorante é aquele que não quer reconhecer o seu estatuto de ignorante...” IJA2
- 218 ... (eu) **disse**: “bem meu filho muito obrigado!” IJA2
- 219 ...certas pessoas **dizem**: “ah ultimamente as coisas são assim” IJA2
- 220 ... outros **dizem**: “vá lá tempo do/de Samora...” IJA2
- 221 ... o conselho de ministros que **diz**: “subida dos artigos de primeira necessidade” IJA2
- 222 ...os três indivíduos que tem poder de decisão neste país **dizem**: “stop! Nada de pensar de vencimentos!” IJA2
- 223 ... os jornalistas normalmente como são fáceis de criticarem **dizem**: “ganância” IJA2
- 224 ...escrevo a ela e eu **digo**: “olha o miúdo está a baixar a nota assim assim” ELA2
- 225 ...nós às vezes **dizemos**: “este professor não presta!...” ELA2
- 226 ... fecha tudo na gaveta e **diz**: “pronto o meu trabalho está feito” ELA2
- 227 ... nós hoje **dizemos**: “eu ficar em casa tomar conta dos filhos?” ELA2
- 228 ...os pais **dizem**: “bem se tu poderes casar esta rapariga tens de tirar duas cabeças de vaca...” ACA2
- 229 ... quem **diz**: “lobolo não fala só de dinheiro...” ERN2
- 230 ...ela **disse**: “a idinha provocou abelhas...” IDA2
- 231 ... eu senti e **disse**: “meu filho saí e dá lugar ao vovô” IDA2
- 232 ...uma das minhas sobrinhas **disse**: “ah não, a tia não devia fazer isso...” IDA2
- 233 ...as crianças as vezes insultam... **dizem**: “suca!” IDA2
- 234 ... o meu pensamento posso **dizer** assim: “eu até não gostaria de ... sendo que ela lá no norte casar...” LAB2
- 235 ... pode encontrar um homem bem vestido a passar **dizer**: “peço quinhentos meticais...” LAB2
- 236 ...quando chegava aquilo que se chama talvez reforma posso **dizer**: “né é reforma” LAB2
- 237 ... devem ouvir também os meus pais que **dizem**: “não brincar muito...” LUR2
- 238 ...a mamã **disse** assim: “papá vamos fazer boda de prata” ARF1
- 239 (o papá) **disse**: “mamã eu não posso” ARF1
- 240 ... os pais conheciam-se e diziam logo: “este merece para namorar com fulano...” ARF1
- 241 ...escreveu os nomes tudo lá **disse**: “já amanhã tem que ser começar estudar” ALB1
- 242 ...tinha de dar aquela cem **diz**: “é é coiso é cem de coiso...” ALB1
- 243 ... foi lá no hospital hum eu **disse**: “estou doente...” ALB1
- 244 ... lá no hospital **disse**: “você já não é idade” ALB1
- 245 ... outro hoje **disse**: “vovó eu só quer (quero) dinheiro...” ALB1
- 246 ...eu não posso **dizer**: “eu nu (não) tem dificuldade...” MAT1
- 247 ... eu não sei **dizer**: “só me escolheram...” ZAF1
- 248 ... doutro/outro lado **diziam**: “já já” ZAF1

- 249 ...às vezes mandavam embora alí **dizer**: “vão lá para a escola...” ZAF1
- 250 ... a minha mãe **dizia**: “mas isto que vem aí **dizerem** isto...” ZAF1
- 251 ...eu **digo**: “você**s** não devem fazer isto” ZAF1
- 252 ...nós mãe também deixamos que nossas filhas **dizem**: “vamos à televisão” ZAF1
- 253 ... outras crianças não atendem nada passam namorar **dizem**: “eu vou namorar...” RAF1
- 254 ... a mãe pode falar coisas **dizer**: “eu não quero...” RAF1
- 255 ...os pais só vem pedir pelo menos dez conto **dizer**: “é lopolo (lobolo)...” RAF1
- 256 Nada diga: “eu não podem ensinar agora...” RAF1
- 257 Eu penso em muitas coisa não posso **dizer**: “eu gosto daquilo fazer eu estudo para salvar a minha vida...” RAF1
- 258 ... já penso **dizer**: “eu quando crescer vou pintar” RAF1
- 259 ... estou muito atrasada não posso **dizer**: “tenho ... valores...” RAF1
- 260 ... o meu pai **disse**: “basta eu ter oitava a quin//quinta há-de me levar para nampula” RAF1
- 261 ... são mal criada não são bem educada ((quanto)) quando pensam isso **dizer**: “vou ensinar as crianças que estão lá fora...” RAF1
- 262 ... não sabem nada eles **dizem**: “vou perder meu tempo...” RAF1
- 263 ... não posso **dizer**: “eu sei...” RAF1
- 264 ...elas só podem te responder muito mal **dizer**: “você não tem nada a ver comigo...” RAF1
- 265 ... minha mãe não deixava-me ir lá **dizia**: “vamos estragar...” RAF1
- 266 ... nós que ficamos a fazer na escola e manda **dizer**: “traz lá prova” RAF1
- 267 ...vira para outra casa até casa cinco já começa a **dizer**: “vou pôr coroa!” RAF1
- 268 ... ninguém podia **dizer**: “vamos lá em portugal” RAF1
- 269 ... a minha mãe me **disse**: “bom eu não gostei...” IBR1
- 270 ... quem me vê **diz**: “aquela senhora” IDA2
- 271 ... eu quando namorava eu ...meu pai me **dizia** também: “minha filha você não pode brincar muito...” LUR2
- 272 ...eu cuido da minha mãe quando me **dizer**: “não faz isso” RAF1
- 273 ...confesso que não tinha possibilidade e **disse** à mamã: ”vamos à saratoga...” ARF1
- 274 ... uma menina namora lá fora sem **dizer** à mãe: “tem um rapaz que quer me a mim” ALB1
- 275 ... posso **dizer**: “o próprio homem que precisava de transporte talvez não tem condições...” LAB2
- 276 ... agora cada qual **dizem**: “basta tirar o curso...” ZAF1
- 277 ... eu **disse**: “eu gostei muito dele...” CAC1
- 278 ... nós somos consumidores portanto acho que havia de **dizer**: “trezentos chega pelo dava-se fazer alguma coisa...” LAB2
- 279 Eu outras pessoas só oiço **dizer**: “não recebem bem...” RAF1
- 280 ... posso **dizer** assim: “vivemos lá...” PAU2
- 281 ...eu posso **dizer**: “quanto ao nível em si é da sociedade está conforme...” PAU2

D. Variante V + De + Que + DD

- 282 Em termos de qualidade de ensino posso **dizer de que** “bem! sempre quanto mais a sociedade vai subindo também vão havendo diferenças...” PAU2
(=...dizer: “bem! sempre quanto mais a sociedade...”/...dizer que DI)
- 283 ... fui à beira então posso **dizer de que** “eh pá acompanhando então o nível de vida das pessoas...” PAU2
(=...dizer: “eh pá acompanhando...”/...dizer que DI)
- 284 ... temos que ver essa parte posso **dizer de que** “bem! ainda precisamos de ampliar um pouco mais...” PAU2
(=... dizer: “bem! ainda precisamos...”/... dizer que DI)
- 285 ... eu disse **de que** “não é esse curso aí que eu quero...” LUR2
(=...disse: “não é esse curso...”/...disse que DI)

E. Variante V + De + Que + F/DI

- 286 Em pormenor – posso **dizer de que** limitava-me portanto ao futebol... PAU2
- 287 Durante a minha infância posso **dizer de que** nas primeiras fases no/não entendia nada... PAU2
- 288 ... a começar posso **dizer de que** para fora do país eu nunca fiz nenhuma viagem... PAU2
- 289 ... nesse trajecto todo posso **dizer de que** fui eh pela via aérea... PAU2
- 290 ... posso **dizer de que** um/um/uma pessoa que não estudou consegue mas com a visão... PAU2

F. Variante V + Ø + F/DI

- 291 ... podemos **dizer estão** limitados... ACA2
- 292 ... eu posso **dizer** essa nova tabela é... uma tabela pode-se receber trezentos e sete... LAB2
...eu posso **dizer** sinceramente a minha vida começou a mudar a partir de noventa... LAB2
- 293 ... quando comecei a trabalhar posso **dizer** andei tanto fui ao norte... LAB2
- 295 ... uma pessoa que quer sair **dizer** quer subir chapa... RAF1

ANEXO 2

Tabela (i) - Distribuição dos informantes de acordo com o nível de escolaridade e o tipo de profissão

Código	Escolaridade	Nível	Profissão	Nível
ZAF1	4ª Classe	E1	Prof. Primária EP1	Baixa
IBR1	3ª Classe	E1	Alfaiate	Baixa
RAF1	3ª Classe	E1	Estudante	Baixa
MAM1	3ª Classe	E1	Doméstica	Baixa
ARF1	4ª Classe	E1	Carpinteiro	Baixa
LUH1	4ª Classe	E1	Doméstica	Baixa
CAC1	4ª Classe	E1	Doméstica	Baixa
MAT1	4ª Classe	E1	Militar Reformado	Baixa
ALB1	3ª Elementar	E1	Vendedora	Baixa
JOA1	4ª Classe	E1	Motorista	Baixa
ELA2	10ª Classe	E2	Secretária	Média
LUR2	10ª Classe	E2	Estudante	Média
IJA2	10ª Classe	E2	Empregada Bancária	Média
PAU2	9ª Classe	E2	Electricista	Média
IDA2	9ª Classe	E2	Escriturária	Média
ERN2	10ª Classe	E2	Estudante	Média
LAB2	10ª Classe	E2	Prof. Primária EP2	Média
ACA2	10ª Classe	E2	Est. Enfermagem	Média
SAC2	9ª Classe	E2	Prof. Primária EP1	Média
KUT2	10ª Classe	E2	Contabilista	Média

Tabela (ii) - Distribuição das frases produzidas por faixa etária

Faixa Etária	Total de Frases	Percentagem
16 - 25	47	15.9%
26 - 35	64	21.7%
36 - 45	14	4.7%
46 - 55	81	27.5%
> 55	89	30.2%
Total	295	100%

Tabela iii- Organização das frases de acordo com o nível de escolarização por variante produzida

Variantes	Nível	Frases produzidas em cada tipo de estrutura	Total de frases por		
			Estrutura		
PE	V(OI)+DD	E1	185,186,187,188,189,190,191,192,193,194,195,196,197,198,199,200,201,202,203,204,205,206,238,239,240,241,242,243,244,245,246,247,248,249,250,251,252,253,254,255,256,257,258,259,260,261,262,263,264,265,266,267,268,269,272,273,274,276,277,279.	60	61.9%
		E2	207,208,209,210,211,212,213,214,215,216,217,218,219,220,221,222,223,224,225,226,227,228,229,230,231,232,233,234,235,236,237,270,271,275,278,280,281.	37	38.1%
	V(OI)+Que + F/DI	E1	101,102,103,104,105,126,127,128,129,130,131,170,171,172,173,174,175,176,177,178,179,180.	22	26.2%
		E2	106,107,108,109,110,111,112,113,114,115,116,117,118,119,120,121,122,123,124,125,132,133,134,135,136,137,138,139,140,141,142,143,144,145,146,147,148,149,150,151,152,153,154,155,156,157,158,159,160,161,162,163,164,165,166,167,168,169,181,182,183,184	62	73.8%
	V(OI) + Que + DD	E1	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25,26,27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,37,39,40,41,42,43,44,45,67,68,69,70,71,72,73,74,75,76,77,78,79,80,81,82,83,84,85,86,87,88,89,90,91,92,93,94,95,96,99,100.	77	77%
		E2	46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,61,62,63,64,65,66,97,98.	23	23%
PM	V + De + Que + F/DI	E1	-	-	-
		E2	286,287,288,289,290.	5	100%
	V + De + Que + DD	E1	-	-	-
		E2	282,283,284,285.	4	100%
	V + Ø + F	E1	295.	1	20%
		E2	291,292,293,294.	4	80%
Total	-	-	295	-	295

Errata

Página	onde se lê	leia-se
VIII, ponto 2.2.1	propriedade	propriedades
1, 2º parágrafo	objecto do estudo	objecto de estudo
5, 2º parágrafo	seguinte	seguintes
22, penúltimo parágrafo	convergem	converge
28, 1ª linha	informantes nível	informantes do nível
29, 4ª linha	está	estão
30, tabela VII	144 (38.6%)	114 (38.6%)
32, último parágrafo	respeito língua	respeito à língua
33, penúltima linha	apresentamos resultados	apresentamos os resultados
35, último parágrafo	e	ou
39, 2º parágrafo	discurso indirecto,	discurso indirecto e não de discurso directo
40, 3ª linha	-	que
40, 6º parágrafo	e	ou
42, ponto (i)	das variantes	da variante
43, 3ª linha	deste	destes
49, último parágrafo, 2ª linha	a	da
51, 1º parágrafo, 3ª linha	casos	caso
52, 2º parágrafo, 1ª e última linhas	<i>corpus</i>	<i>corpora</i>
Anexo i, frase 137	PAU	PAU2